- JORNAL DAS MOÇAS -

- 1916 -

MÊS DE DEZEMBRO

OBSERVAÇÕES:

O "JORNAL DAS MOÇAS" É UMA PUBLICAÇÃO SEMANAL.

NÃO FORAM PUBLICADOS OS DIAS: 01 à 06; 08 à 13; 15 à 20; 22 à 27; 29 à 31.

O "JORNAL DAS MOÇAS" APRESENTOU ANUÁRIO III.

AS PÁGINAS "DO JORNAL DAS MOÇAS" NÃO TEM PAGINAÇÃO. CONVENCIONOU-SE QUE A ORDEM EM QUE SE APRESENTARAM SEJA A CORRETA.

OS ORIGINAIS MICROFILMADOS PERTENCENTES AO ACERVO DA BIBLIOTECA NACIONAL, APRESENTARAM DIAS COM PÁGINAS MANCHADAS, MUTILADAS E/OU ILEGÍVEIS.

OS ORIGINAIS MICROFILMADOS APRESENTARAM DIAS COM NUMERAÇÃO, ANUÁRIO E/OU DATAS ILEGÍVEIS.

O "JORNAL DAS MOÇAS" NÃO APRESENTOU UNIFORMIDADE NA QUANTIDADE DE PÁGINAS EM ALGUMAS EDIÇÕES.

AS FALTAS E AS PÁGINAS MANCHADAS, MUTILADAS E/OU ILEGÍVEIS LOCALIZADAS APÓS A MICROFILMAGEM DOS ORIGINAIS SERÃO INSERIDAS NO FINAL DO ROLO.

ALGUMAS PÁGINAS FORAM MICROFILMADOS ISOLADAMENTE EM FUNÇÃO DA TONALIDADE DO FUNDO TORNAR INCOMPATÍVEL A MICROFILMAGEM SIMULTÂNEA DE DUAS PÁGINAS OU PORQUE HAVIA UM POSICIONAMENTO VERTICAL DAS MESMAS EM RELAÇÃO AO SENTIDO DA LEITURA.

Jornal das Moças

ANNO III — NUM. 22 — 400 RS.

Senhorita MARIA ODETTE SOUTO — Capital

TRES DIAS

(A' * * *)

HONTEM juravas-me um amor profundo,
Forte, fecundo, immorredouro e santo,
Eras toda meiguice, eras candura,
Toda brandura, eras emfim um encanto!

Commigo repartias teus prazeres,
E os meus soffreres tu tambem sentias,
Punhas-me ao par dos teus muitos castellos,
Grandes e bellos que em vão construias!

HOJE a tristeza já invadio-me a alma,
Perdi a calma por tanto soffrer;
A dôr que tive foi cruel, immensa
Qual a sentença de não mais te vêr!

Partiste para as plagas mais incertas,
Tristes, desertas, de um velho sertão,
Deixando aqui minh'alma enternecida,
Quasi sem vida, a soluçar em vão!

AMANHÃ terá fim o meu soffrer,
Um tal viver não póde ir mais além;
Deixarei esta vida tão maldosa
P'ra quem não goza o amôr de quem quer bem!

Vou deixar-te de vez, mundo perjuro,
Não mais aturo os teus caprichos vis,
Vou morrer pelo amor de quem me adora
Pagando embora um mal que nunca fiz!

SYLVA CASTRO.

Rio, 21-9-1916.

QUANDO PASSAS...

Versos á alguem

Quando, sorrindo, no bond passas
Com teu gorrinho de sêda preta,
O encanto lembras dé uma das Graças,
Lembras o encanto da borboleta...

Passas. E eu fico, triste, scismando
Nas alegrias que os teus olhares,
Como um carinho, vão derramando
Sobre a tortura dos meus pezares.

Scismo. E minh'alma parte comtigo,
Fraternalmente... fraternalmente...
Mas tu lhe foges, por meu castigo,
De amor deixando minh'alma doente.

Foges. Em breve, porém, procuro
Ver-te de novo, ver-te sorrindo...
— Já me não foges, celeste Arcturo,
— Já me não foges, meu sonho lindo!

Poeta. Fiz-me, por teu respeito,
Tangendo a lyra dos Sonhadores,
Embora tendo, no imo do peito,
Revôlto oceano de immensas dôres.

Canto. E o meu canto, si ás vezes desce
Para os pezares em que me afundo,
Outras se eleva, como uma prece,
Desses teus olhos ao céo profundo.

JULIO MERAL.

Rio, Julho 1916.

Poesia da Noite

Para a minha boa tia Amelia Rodrigues de Carvalho

Lenta, vagarosa,
A noite vem já cahindo;
No Olympo desnublado
Venus bella vem surgindo.

Mil astros encantadores,
Formosos e scintillantes,
Pontilham no firmamento,
Luzindo como brilhantes.

A soberana dos astros
Phebe bella e magestosa,
Tambem vem apparecendo
Muito pallida e formosa.

Derramando catadupas
De suavissimo fulgôr,
Muito pallida e formosa
Inspirando-nos amôr.

As frescas auras da noite
Perpassam deliciosas,
Entoando docemente
Nenias tristes e saudosas...

A's florsinhas segredando
Melodias encantadas
Ou queixumes doloridos
De almas apaixonadas.

Ha em tudo nesta hora
Uma casta poesia,
Que nos convida a scismar,
E a alma delicia.

Oh poesia da Noite
Triste e mysteriosa
Que recordações despertas
Nesta minh'alma saudosa!

M. DA G. RODRIGUES PEREIRA.

Lenda de uma rosa

Para Solidonio Leite

Dantes as rosas eram todas brancas!...

Mas um dia, um favonio apaixonado
pela alvura inebriante de uma rosa
bella e cheirosa
fez-se seu namorado!...

E á luz de um luar aurifico de gala,
o apaixonado,
num impeto de amor, tentou beijal-a...
— E o fez com tal cegueira
que a rosa desprendeu-se da roseira,
e, na quéda, roçando nos espinhos
que havia pela haste,
tombára ao chão toda banhada em sangue...

Eis porque são vermelhas,
as rosas que plantaste!...

MCMXVI

VICTOR SANTOS.

NOTAS DA PAULICEA

O baile «matinée» que o Club XIII offereceu aos voluntarios paulistas no Municipal esteve muito concorrido e animado, prolongando-se até a noite.

***

E' muito curiosa a natureza humana. Nos dias frios desta nossa humida Paulicéa todos se queixam e reclamam ardentemente um pouco de sol e calor.

Tanto reclamaram que o calor chegou e chegou forte. Devia ser recebido com manifestação de alegria, não é? Pois tal não aconteceu. Antes pelo contrario. Surgiram protestos e com a mesma energia que se queixavam do frio hoje se queixam do calor!

Entenda-se lá isso!

***

O calor traz uma grande vantagem: obriga ao passeio e por isso movimenta as ruas e augmenta a alegria. Assim o «footing» pelo centro da cidade, ás quartas e sabbados, tem estado delicioso. O «clou» porem de todos os passeios elegantes continua a ser o corso na avenida Paulista ás quintas e domingos. Um verdadeiro successo!

S. Paulo elegante em peso comparece ao corso. No de domingo ultimo havia mais de quatrocentos automoveis e grande multidão em chic «trottoirs».

Somos, pois, injustos censurando o calor.

***

O rico engenheiro da avenida ficou zangado comnosco e guiando furioso o seu auto quasi matou uma criança no Braz. Parece agora disposto a «usar» *chauffeur* e deixou de lado a indecisão matrimonial. Mais vale tarde do que nunca. Que seja feliz na escolha. Assim desejamos.

***

O apreciado esculptor Julio Starace vai baptisar o seu filhinho Julio servindo de madrinha a graciosa senhorita Umbelina Egydio de Souza Aranha e padrinho o dr. Mello Nogueira.

***

Este anno o «reveillon» no Automovel Club será festejado com um grandioso baile. Já é grande a espectativa na alta roda paulistana.

***

O Club Concordia, do qual fazem parte as principaes familias da capital, já está tambem em preparativos para um grande baile.

CARTAS

Recebemos as seguintes:

Sr. Zé d'Avanhandava

Queira ter a bondade de publicar a seguinte lista: Das moças de S. Paulo

A mais desembaraçada è Isabellinha Veiga
a mais pianista é Maria Teixeira de Carvalho
a mais tristonha é Bebê P. Barros
a mais falante é Aida Brandão
a mais engraçada é Ophelia Fonseca
a mais pequenina é Sylvia Valladão
A mais vistosa é Dilecta Simões
a mais festeira é Consuelo Lobo
a mais boasinha é Carminha Mendes Gonçalves
a mais fulgurante é Ninette Ramos
a mais alegre é Joanita Barbosa
e a mais rabiscadora é a sua leitora

ALICE V.

***

Exmo. Sr. Redactor do «Jornal das Moças»:

Para uma moça ser bella é preciso ter
a bocca de Maria Amelia Castilho
a persistencia de Vera Paranaguá
os modos de Margarida Magalhães Castro
a actividade de Maria Valladão
a vivacidade de Zita Arantes
os pésinhos de Suzanna Sampaio Vidal
e nada mais. Recado de Luiza

LUIZA

***

Sr. Redactor do «Jornal das Moças»—Rio

A meu ver representam bem a belleza do bello sexo paulistano as seguintes senhoritas: Sylvia Valladão, Olga Moira, Zuleika Meira, Marietta Motta, Carlota de Queiroz, Annete Lacerda, Tanga Bourroul e Carmen Supplicis.

Do assiduo leitor

R. C.

***

Exmo. Sr. Zé d'Avanhandava

Aqui no bairro de Sta. Cecilia, nós admiramos muito o riso sympathico do Pedrinho de Almeida, a elegancia do Ferrignac, os modos do Plinio Barbosa, as maneiras do Oswaldo de Andrade, a timidez do Antonio Dafine, a voz do Cyro Valle, a delicadeza do Guilherme de Almeida e a calma do Clovis Nogueira.

JOSEPHINA, ANDRELINA E CARMEN

Perfis de normalistas

XXI

O perfil de hoje pertence a Mlle. A. R., uma gentil 2ª. annista bastante estimada pelas collegas e pessoas da intimidade, visto possuir o irresistivel dom de agradar.

Morena pallida, baixa e gorda, Mlle. personifica a elegancia, vestindo sempre com requintado gosto. Os olhos pretos, grandes e rasgados encantam com os seus relampagos; cabellos negros, fartos e ondeados; bocca pequena e bonitos dentes, muito brancos e dispostos com admiravel symetria. Nariz ligeiramente arrebitado.

Dizem que Mlle. é socegada, porém lembramos o trote que passou no futuro official do nosso exercito, P. L. o que constituiu um verdadeiro successo não só entre as suas collegas, cemo os alumnos da E. de Guerra.

Mlle. A. R. que é bastante estudiosa e diz abominar o "flirt", namora platonica e desesperadamente o academico R. que por sua vez faz "pé de alferes" com uma joven loirinha "amissississima" de Mlle. E a nossa perfilada, sem dar pela "marosca", vae comendo "gato por lebre", e afirma energicamente que o voluvel mancebo adora-a, e compõe os mais lindos versos em honra á sua interessante pessôa.

Ora, parece-me que Mlle. precisa de uns oculos de baêta, pois ainda não reparou que o R. decanta de preferencia os olhos azues, e adora as "espigas maduras"...

Mlle. A. R. é assidua frequentadora do «Palais», d'onde sae com os olhos vermelhos e as palpebras enchadas, toda a vez que assiste «films» pela genial Francesca Bertini.

Chi!... que vergonha! Uma moça instruida e distincta deixar-se enlevar pelas mimicas de uma actriz em vóga, a pontos de fazer de «baby»...

E agora Mlle. não deixe o V. S. derreter-se em suspiros proximo ao «poste», e convença-se de que o R. aprecia demasiadamente o cabello louro... (apezar de não ir comel-o atraz da porta, para ficar bonito; como nol-o ensina a crença popular.)

XXII

Dotada de um genio admiravelmente alegre, e sempre propenso a gaiatices, Mlle. M. L. R. A., cujo perfil estampamos aqui, é em extremo apreciada pelas collegas que não lhe regateiam convites para partidas de... estalo!

Muito joven ainda, cursa com grande aproveitamento o 2º. anno, onde é bastante querida, apezar dos seus modos estouvados e uma verve ironica... ironica a mais não poder, e isso com os proprios mestres, segundo nos contaram.

Baixa e gorda, o que não prejudica a sua natural elegancia, Mlle. traja-se com raro gosto, tendo uma notavel predilecção pelos tecidos roseos.

Clara, rosto redondo e artisticamente colorido, (pela natureza, está visto) nariz pequeno e bem feito e uma boquinha rosada e mimosa.

Os olhos grandes, travessos e negros, contrastam singularmente com os abundantes cabellos loiros e ondeados, sempre penteados com esmero.

Não sei se é certo, mas segundo dizem, Mlle. M. L. R. A. acha-se bastante enferma do coração, e isso tudo porque os olhos do E. C., distinctissimo alumno da nossa E. de Guerra, desferem dardos venenosos e sobretudo mortiferos...

Em compensação os sorrisos de Mlle. são tão doces, tão meigos... que o futuro adepto de Marte, confessa não poder resistir-lhes...

Porem Mlle. deve ser mais commedida nos seus desejos e amores; deixe de lançar olhares de tentação ao M. R. porque emfim... elle é noivo, e uma tragedia n'esta época é de pessimo gosto!

Continue a usar o kepi que lhe fica muito bem, e esqueça-se das... pharmacias.

Reside Mlle. M. L. R. A. n'uma rua cujo primeiro nome é o mesmo de um santo casamenteiro, e o segundo uma cidade italiana situada na provincia de Venezia.

Parece pilheria, mas não é!

TYRANNA.

Hontem tanto sorriso, tanta festa...
Hoje, somente lagrimas e dôres...
E assim é de contrastes feito o mundo,
Hoje espinhos crueis... amanhã flôres...

J. COSTA.

* * *

Manhã formosa de azul e ouro...
Nas mangueiras em flôr trinam cigarras... alegres filhas da primavera gentil. Captivo, na sua triste paixão, um sabiá, saudoso, canta... relembra a vastidão immensa da matta espessa... a companheira amada! Borboletas azues e verdes, beija-flôres, disputam das madre-silvas e bogarys o nectar delicioso. Sobre as petalas das rosas brancas oscillam, trementes, pequeninas gottas de orvalho... ultimas lagrimas de um luar dorido... Ao longe, sobre as aguas calmas, cruzam-se gentis galeras e pequeninos barcos de pescadores que vão, cantando e sorrindo, ao encontro, talvez, da morte...

E foi por uma dessas manhãs douradas que partiste em rumo do Sul... paragem bemdita onde me acenam as mais encantadas miragens!..

E partiste feliz, levando n'alma tantas esperanças, ventura tanta!...

Partiste sorrindo... e um coração sangrando deixaste, sem uma palavra de despedida, immerso na mais profunda dôr!...

. . . .

Vae longe o navio, muito longe. Desapparece... Nuvens cinzentas tingem o azul dos Céos... Boiam sobre as aguas pequeninas amethystas roseas... São lagrimas tristes de saudades...

* * *

Envolta no véo de doce nostalgia vem cahindo serenamente a tarde... tarde de poesia e de amôr. O poente é de violetas e saudades... Na pequenina ermida branca coberta de jasmineiros sôam dolentemente as Ave-Marias... E' a hora triste e santa da Prece... Isolado, no alto da penedia, curva-se o triste pastor para saudar a bondosa Mãe de Deus; e, sobre as vagas iradas do mar revolto, o marinheiro a invoca com esperança e amôr... Com o pensamento a seguir-te, prostra-se reverente uma alma e reza fervorosa por ti, emquanto doces promessas de amor envias a uma gentil filha da loura Hespanha... Serena vem surgindo Vesper...

. . . .

Crepusculo de saudade! Tarde... hora em que se fala sempre na felicidade... e eu nunca a terei!...

* * *

Noite septentrional e brilhante... No azul escuro do firmamento myriades de estrellas scintillam... E' tudo mysterio e calma! Dormem as flôres sob o olhar ardente das estrellas... pequeninas sentinellas de Deus... Aos Céos sobe o perfume mystico das candidas angelicas e alvos jasmins... Noite... hora de mysterio e calma... Embalado pelo monotono cantar das ondas... inconstantes interpretes do teu pensar, dormindo, sonhas, e tão feliz! E' uma visão bella que te fala de amor, que te relembra os dourados campos da tua terra natal... dos trigaes onde alegremente cantam gentis ceifeiras... dos rios calmos e de aguas crystalinas... Sonhas... e no teu sonhar esqueces quem por ti, nesta hora de silencio e calma, pede á Virgem que te proteja contra as furias do mar, que abençôe os teus amores e tenha compaixão do segredo de um coração que vive da tua recordação...

. . . .

Sonhas... não ouves uma barcaróla triste? E' o meu canto de saudade... E' a canção triste da lagrima... Não a escute... Dorme... Sonha...

ALCYONE.

Amazonas, 17 — 9 — 916.

Estando prestes a terminar o anno, epoca de reformas de assignaturas, pedimos aos nossos gentis assignantes mandarem reformal-as com a maior brevidade possivel.

Todos aquelles que tomarem assignaturas novas receberão o JORNAL DAS MOÇAS desde já, não se lhes descontando o periodo que falta para completar o anno.

Todos os pedidos de assignaturas devem ser dirigidos ao gerente do «Jornal das Moças», Agencia Cosmos, rua 7 de Setembro n. 44.

TRISTEZA D'ALMA

Sabeis o significado dessas duas diminutas palavras?... E' o mutismo de um "ser" inanimado e martyrisado, por um cruel soffrimento, digamos, por uma "paixão" palavra "atroz", é nella que exprime e comporta a mais verdadeira agonia, o peior dos "Martyrios". Só quem padece uma forte paixão, é quem sabe descrever o que é este supplicio humano, um dos maiores do universo. Um coração innocente... e puro como o meu era; foi apossado por um sentimento forte, por uma convivencia cercada de carinhos expansivos, e nasceu dessa intimidade um forte affecto, que eu não sabia designar o nome! Fui correspondida por uns tempos, com toda a doçura, que pareciam eternos e inquebrantaveis; depois veiu um furacão, que é a ingratidão, o desprezo funesto e cruel! Fiquei inerte de surpreza, pensava não ser realidade, esta atroz "verdade". Achei-me só, abandonada, sem esperanças de uma reconciliação. Recolhi-me em mutismo infindo, em extasi eterno, desfalleci: Vivo sem viver, não sinto alegria... minh'alma só vê, uma immensa escuridão, e sinto um vacuo profundo no meu "coração" (já não o sinto). Cega para alegrias do mundo, recolhida e maguada, só espero a morte, para terminar os meus infelizes dias amargurados. Esta magua profunda, este desgosto eterno de um amor primeiro e infeliz, e finalmente esta magua immensa, que baptisei por — "Tristeza d'alma".

Jockey-Club, 24—9—916.

AURELIA MACHADO.

FRAGMENTOS

Um sonho é sempre motivado por uma idéa que persegue e entretem o nosso espirito. Este sonhei-o pensando em ti... offereço-t'o pois, ó Impossivel que minh'alma adora!!...

Os raios da lua—ondas suavissimas de luz—esbatiam-se de leve no pavimento de marmore côr de rosa do vasto terraço; e o mar languidamente adormecido, lançava flócos de prata irisados de rubis sobre os degráus polidos da pequena escada. A noite tepida arrastava o seu manto azul recamado de feixes d'oiro, e oscillações de lacteos pyrilampos; a brisa maritima desfolhava as braçadas de rosas que debruçavam-se ás bordas dos grandes vasos de crystal e oiro, atapetando o chão com uma alcatifa aromotica de petalas brancas e vermelhas!...

Longe, muito longe, um violino soluçava docemente, modulando preces de amor, e canticos de enternecedora saudade; e elle, o meigo poeta, cuja alma era uma primavera azul inteiramente em flor, falava, falava de manso, e a sua voz crystallina era uma promessa de eterno amor, de felicidade eterna...

—Rosemande, ó princeza dos meus anhelos, amo-te!... A luz dos teus olhos azues, extremamente azues, canta-me n'alma um sonho de amor, filigranado de perolas, explendidamente bellos! O teu sorriso,—ah! quem poderá descrever a não ser eu, o mysterio que occulta um teu riso?... o riso que reveste de flores a tua bocca purpurina e provóca á minh'alma uma aurora de beijos... deslumbra-me esse riso subtil que depõe á flor dos teus labios a perola ideal do amor, que ambiciono guardar no escrinio da minha bocca sequiosa!

Reclinada nos coxins de velludo matisada de perolas e brocados, ella mirava-o longamente, e parecia sonhar, embalada na dolencia sentimental das phrases poeticas... as palavras ardentes de amor que fluctuavam no espaço. Era bem o sonho de um poeta, aquella creatura preguiçosamente deitada nos estofos de seda persa; gases roseas pontilhadas de estrellas e arabescos de prata, cingiam-lhe o corpo alabastrino e esculptural. Os longos cabellos negros ondulavam pelas espaduas nuas, semeiados de cordões de perolas, emmoldurando um rosto de perfil grego, onde os olhos azues e rasgados flammejavam sob o leve manto das palpebras franjadas de ebano. Com a face apoiada á mão de dedos finos salpicados de pedras preciosas, Rosemande fitava no menestrel o olhar perturbador dos seus olhos azues.

E elle continuou a supplicar:

Amor! dá-me o teu amor ó Rosemanda; a doçura do teu beijo, e levar-te-ei ás alcandoradas nuvens... amar-me-ás emfim? Ella moveu a cabecinha aureoloda de estrellas, e murmurou:

—Não... não creio mesmo nas tuas phrases, O amor do homem é ephemero, falso... doirada borboleta céga-nos com a poeira das suas azas; suga em nossos labios o nectar da ventura suprema, e depois foge... vôa bem longe, buscando n'outra flor os capitosos perfumes de um novo beijo edealizado á luz rosea da aurora!

—E se eu protestar morrer a teus pés?...—extertorou o louco mancebo, n'um gemido. O violino plangia agora mais docemente; chorava como a alma d'essas sombras invisiveis e ethereas que sob a diaphaneidade da lua, depositam no seio das rosas brancas as lagrimas rutilantes dos seus olhos sem luz...

—Eu tambem já amei;—cantou a linda sereia—e quando me soube amada, duas

lagrimas do crystal das estrellas illuminaram-me os olhos, cavando sulcos de prata no jaspe das minhas faces... eram de felicidade! Mais tarde fui trahida, e quando vi aquelle que amava unido a outra, senti novamente que duas lagrimas cahiam-me dos olhos... eram ardentes, e deixando traços violaceos no meu rosto pallido rolaram para o coração carbonizando-o! E por isso eu não tenho piedade... não posso acreditar no teu amor:—concluiu, soltando uma risada argentina.

—Não crês que te amo?!

—Não, não creio no teu amor; é tennue chamma que vacilla e se extingue ao leve sopro da aragem silenciosa!

O violino gemia desoladoramente, semiando pelo espaço o crystal das suas lagrimas... a lua tremia, tremia muito pallida na ogiva prateada dos céus!...

Elle n'um impulso louco, tirou da cinta azul bordada a oiro, uma pequena adaga cravejada de diamantes e rubis; fitou-a intensamente triste, com uma pergunta a pairar nos labios tremulos.

—Ainda não creio... duvidarei sempre!—disse ella, respondendo á muda pergunta.

O loiro menestrel encostou a lamina fina ao velludo escarlate do gibão, e continuou a fital-a ardentenente, com olhares supplices. Rosemande meneiou a cabeça com altivo desdem. Num gesto brusco a adaga emergiu completamente no peito do mancebo; o sangue correu em borbotões da ferida.. densa nuvem tordou-lhe a vista, e fel-o tombar exangue aos pés da linda princeza.

—Acredita agora que te amo, ó Rosemande; que eras tu o meu sonho de oiro, e que aos sons do meu alaúde serias levada a um palacio de marmore rosado e crystaes violeta; alcatifado de flores azues e rubras... um throno de espúmas aureas, onde serias collocada, no seio do Adriatico. Acreditas emfim que te amei, e amo ainda?

—Nunca!!...

Elle fitou-a, triste; das pupillas meio vitres desprenderam-se duas lagrimas opalinas... em voz tremula, profundamente doce, balbuciou juntando as mãos;

—Quando eu exhalar o derradeiro alento, abre-me o peito, e tira de lá o coração morte por impiedoso rigor... toma-o, guarda-o comtigo para sempre, porque é teu, ó Rosemande cruel, somente teu!... No seu amago, resplandece a tua imagem, coroada das lagrimas que me fizeste verter... adeus! Os olhos negros velaram-se nas sombras da morte, e a brisa levou o ultimo hausto d'aquelle coração singelo, innundado de amor. A lua derramava jactos de luz sobre o corpo inerte do gentil mancebo, e Rosemande terrivelmente bella, desprendendo relampagos dos olhos azues, moveu a cabeça, murmurando com indifferença:

—Louco!

Quedou-se a fitar o cadaver; a face graciosa apoiada negligentemente á mãosinha de neve... um sorriso estonteante nos labios. E longe, muito longe, o violino chorava dolorosamente... uma explosão de sons vibrantes, depois n'um soluço infinitamente doce foi morrendo, morrendo... as ultimas notas cheias de dolorosa uncção fluctuaram na atmosphera humida, e tremulo, tremulo como a gotta de orvalho nas petalas do lyrio, o lamento final, surdamente vibrou... um soluço argenteo de imperecedora saudade!

E as brisas da noite desfolhavam as ultimas rosas guardadas nos vasos de crystal e oiro, envolvendo n'um turbilhão aromatico de petalas brancas e vermelhas, o corpo hirto do loiro menestrel, cujos olhos sem luz inteiramente abertos, pareciam dirigir uma derradeira caricia á deslumbrante Rosemande, princeza dos seus amores!

ALICE DE ALMEIDA

Ao joven Antonio Barbosa

São 6 horas.

No templo sacro, bate tectricamente seis badaladas.

E' a hora da Ave-Maria.

E' nesta hora nostalgica, em que o dia vae morrendo, que tudo de melancolico passa em minh'alma, é neste momento que eu me ajoelho diante do altar e supplico á Virgem Santissima, minha purissima mãe, para que me dê forças sufficientes para supportar esta tua indifferença.

ESTRELLA SCINTILLANTE.

Ao Maninho (A. P. B.)

O coração resistente é aquelle que possue a fortaleza necessaria para lutar e vencer todos os obstaculos que se antepõem á realização dos seus nobres sentimentos. E' aquelle que, quanto mais se lhe afigura difficil a posse do seu bem amado, tem a resistencia e solidez precisas para, afrontando, com a fé inabalavel no coração e os sorrisos nos labios, os mais extraordinarios perigos até o attingir do seu doce anhelo.

—Eis a supremacia de um puro e sincero coração.

WALKYRIA BRAGA.

NERVOSISMO NAS SENHORAS

SEU TRATAMENTO

Resumo de um artigo publicado no jornal "A Noticia", do Rio de Janeiro, pelo conhecido clinico Dr. F. Cardim

Pela fragilidade de sua constituição, acham-se as senhoras frequentemente sujeitas a disturbios nervosos, que se manifestam de modos os mais diversos; desde os simples fogachos até as mais amplas manifestações hystericas. São as mudanças de caracter e de moral, em que a doente não se occupa mais dos seus affazeres, negligencia os cuidados de toilette, torna-se triste quando não se torna de uma alegria despropositada; inquieta-se com tudo, discute e se exalta por qualquer cousa.

Frequentemente é victima de allucinações, sobretudo á noite.

As perturbações digestivas surgem muitas vezes, traduzindo-se por falta de appetite, nauseas e vomitos, além de salivação abundante, muito desagradavel para o doente.

Um aspecto muito curioso é o que se refere ao enfraquecimento consideravel da vontade, traduzindo-se principalmente pelas distracções. Ha perda de memoria.

O tratamento até ha pouco seguido consistia na balneotherapia e na suggestão. Hoje o tratamento medicamentoso adquiriu uma grande importancia, porque ao emvez de oriental-o com o fim de attenuar symptomas procura-se corrigir o estado organico que deu logar á enfermidade, e que quasi sempre é representado por profundas perturbações nutritivas.

Dahi a necessidade de tonificar o doente, empregando sobre tudo os chamados tonicos nervinos, como o phosphoreto de zinco ou o que é muito preferivel por ter uma acção muito mais rapida e muito mais intensa, fazendo uso dos formiatos, pela poderosa acção do acido formico, sobre tudo quanto associado a bases como o calcio e o ferro que ainda mais a reforçam.

A medicação formica tem ainda a vantagem de já se encontrar prompta no mercado sob a forma de um licor muito facil de tomar pelo seu gosto agradavel.

E' o conhecido **ISIS-VITALIN**, hoje largamente empregado em todos os casos de nervosismo nas senhoras, sempre com os mais surprehendentes resultados.

Se se pensar, que ao lado da propriedade tonica, pela sua constituição, o **ISIS-VITALIN** possue ainda a de evitar e curar a falta de apetite, que tantas vezes acompanha o nervosismo das senhoras e que constitue um dos grandes escolhos do seu tratamento, comprehender-se-ha facilmente porque essa medicação, em tão pouco tempo, penetrou e dominou todo o capitulo da therapeutica das doenças nervosas.

Ao lado do tratamento medicamentoso convém sempre fazer uma cura balneotherapica, consistindo em banhos tepidos diarios; prolongados durante uns dous mezes mais ou menos, substituindo-se no fim de tal praso o banho quente por duchas frias.

Rio de Janeiro, Julho 916.

Dr. F. Cardim.

Anno III Rio de Janeiro, Quinta-feira, 7 de Dezembro de 1916 N. 77

EXPEDIENTE:

ASSIGNATURAS (ANNO.... Rs. 18$000
(SEMESTRE. » 10$000

Redacção e Administração "AGENCIA COSMOS". Rua Sete de Setembro 44 - Telephone 5801 Central
Caixa postal 421

Não se restituem originaes enviados á Redacção

CHRONICA

Encerraram-se as aulas das escolas municipaes. Em todas as escolas o encerramento foi condignamente consagrado e em todas surgiram o inesperado e a novidade, as surpresas, como a apotheose de uma nova éra.

As professoras, devotadas instructoras da infancia brasileira, reuniram o util ao agradavel e offereceram aos seus alumnos festas revestidas de instrucções proveitosas, patriotismo, civismo, moral e amor ao trabalho, como ultimas reminiscencias de anno lectivo que se findava.

Entrelaçando essas licções, o encentivo -- a elevação do valor da applicação e proveito dos alumnos — tambem apparecia numa aureola de luz traduzida nos premios — *bibelots* do saber — objectos e livros, cujas dedicatorias tinham o cunho de diplomas.

A celebração do encerramento das aulas obedeceu a nova orientação que brilha e que persistirá sempre viçosa.

Contos patrioticos e cheios de emoções, manobras e exercicios militares, provas de instrucções profissionaes, exercicios physicos, arte dramatica, exercicios de danças, declamações de poesias e discursos patrioticos, moraes e civicos, enfim, todos os elementos preliminares do saber — preciosos fructos colhidos na arvore da instrucção gratuita — foram postos em pratica, em exposição como um brilhante mostruario vivo da illustração e do perfeito conhecimento da ardua sciencia de ensinar de que são dotadas as distinctas professoras publicas.

A instrucção municipal que é administrada ás crianças cariocas é boa, e parece que jamais perderá essa qualidade porque o elemento feminil de que se compõe quasi todo o professorado das escolas publicas tem a força de um sol, de um sol que sabe fecundar o cerebro da infancia e que adquire durante o tempo das férias os mais fertis conhecimentos em leituras proveitosas de livros didacticos nacionaes e extrangeiros.

Resta agora ás crianças o proveitoso ensinamento da fabula da cigarra e da formiga: não se descuidem a cantar, a cantar, a cantar como a cigarra; façam, porém, como a formiga que armazenou alimentos, estudem, estudem bem, accumulem licções e conhecimentos proveitosos para expol-os em aulas do futuro *inverno* escolar, que deve ser mais rigoroso para que se não esmoreça a nova era que surge no horizonte do saber.

E. P.

Jonathas de Carvalho

Jonathas de Carvalho, nosso querido director, fez annos sabbado 2 do corrente.

Foi o facto mais em evidencia da semana finda, muito principalmente para aquelles que trabalham sob a sua valorosa direcção, pois os caracteristicos notaveis da sua organisação moral, a sua bondade infinita, fal-o merecedor da nossa mais pura affeição.

A sua conhecida modestia levou-o a esconder a data do seu anniversario, porém a maioria da imprensa soube por bem divulgal-o, evitando assim um possivel acto de injustiça por nossa parte, não publicando

estas linhas, facto que constituiria um lamentavel dissabor para os que com elle convivem na labutação quotidiana desta casa.

Espirito culto, alma devotada a todos os gestos de generosidade, Jonathas tem sabido impôr-se á estima dos seus companheiros e amigos, que têm nelle um arduo defensor em todos os momentos que se exija a sua presença.

Dirigindo a Agencia Cosmos, são por demais conhecidos os beneficos resultados obtidos pela imprensa carioca, pois o seu espirito emprehendedor muito tem auxiliado a divulgação, base primordial para o progresso do jornalismo de hoje.

O Jornal das Moças, que o tem como director, já tem experimentado os symptomas mais apreciaveis de progresso, e em todas as emprezas é por demais conhecida a sua vontade de trabalho e emprehendimento.

Ao nosso chefe, propulsionador vigoroso desta casa e deste jornal, desejam os seus companheiros a colheita de muitas flores no jardim da sua rija existencia, flores essas de Malherbe, que contenham sorrisos, frescura e belleza para sublimidade d'aquelles que o cercam.

Dôres d'alma

Era uma bellissima manhã de primavera.

Eu, encostada a um pequenino rochedo de uma linda praia, contemplava o despontar da aurora.

Que quadro sublime e tocante!

O mar, calmo e bonançoso, enviava suas ondas que ligeiras quebravam-se na praia.

Alèm despontava o sol, que com os seus raios côr de ouro, vinha illuminar o palacio como a choupana, o lucto, o prazer, a alegria e a dor.

O ceu, sem nuvens, tinha um azul purissimo; sua côr rivalisava com a do manto da Virgem Immaculada.

Eu me extasiava contemplando este quadro!

Vi, então, approximar-se de mim uma joven bella e tristonha; parecia uma Virgem Celeste ou uma Divindade, tal era a sua formosura; no rosto, muito claro, sobresaiam os olhos, grandes e melancolicos, onde se lia a bondade, a pureza de sua alma.

Os cabellos escuros caiam dispersos sobre os hombros; nas mangas muito curtas sobresaiam os braços grossos e roliços; tão pensativa estava que não me viu; sentou-se na praia e continuou na sua melancolia.

Um ai dolorido ella soltou; vi, então, que o seu seio arfava, e que os olhos estavam marejados de lagrimas.

Com um pauzinho começou a escrever na areia humida; fez um coração e nelle cravou uma setta onde se lia a palavra «Traição».

Vendo que ella se dispunha a partir, approximei-me e perguntei: Oh joven, poderás me dar a explicação do que ahi fizeste?

Ella timida e assustada respondeu: «Nem tudo que sentimos podemos dizer. Procurei nesta solidão um allivio e vejo que vim ainda mais dilacerar meu coração. Queres saber? Pois bem, eu te digo. Sabes o que é traição?»

Isto dizendo as lagrimas caiam em borbotões sulcando-lhe as faces setinosas.

«Não ha dor maior do que esta. Quem a pratica, só pode ter o sentimento baixo e vil; quem a recebe cae oppresso sob o seu peso. Este coração é o meu; nelle cravaram esta setta. Se em lugar della fosse um punhal, talvez não soffresse tanto. Não te posso dizer mais nada. Adeus! Sê feliz e nunca deposites em alguem grande confiança e amizade...»

—Assim dizendo partiu sempre tristonha e scismadora.

Capital, 2—10—916.

Noelina

A' dilecta irmã Lila

Lila, quando com firmeza encetamos uma viagem, sejam quaes forem os obstaculos que se nos apresentem, sempre estamos na altura de os vencer· se o fizermos com a devida prudencia; desta arte se conclue que a prudencia é a luz que illuminando passo a passo nos permitte não só desobstruir todo e qualquer impecilho, como tambem ter ao ponto desejado. Assim pois, tu que estudas com grande força de vontade, addiciona a este bello predicado a prudencia e vae sem mais preoccupações que quanto mais prudente fores tanto mais curta tornar-se-á a viagem.

Villa Militar, 25—11—1916.

Teu irmão

Olivio Barbosa

Respondendo á distincta pensadora Francesca Bertine

«Podemos porventura governar nosso coração ?»

Certo que não e reaffirmo convictamente, porquanto governar é ter imperio e o coração é indomavel; como o mar, tem elle as suas tempestades, que somente são amainadas por outrem, por meio de um sorriso, de uma palavra, de uma lagrima...

Si o coração tem razões que a Razão não comprehende...

O argumento da hypothese formulada não procede, porquanto fingir não amar não é governar o coração, pois intimamente é o coração que está governando o individuo. Como vê v. ex. o exemplo apresentado é todo favoravel á minha opinião: *não se póde, não, senhora, governar o coração.*

O coração é considerado o orgam da vontade, como o cerebro o é da intelligencia; e alguem poderá obrigar outrem a querer?

Não, que o acto volitivo é livre em sua essencia; pode haver coacção no individuo mas o acto da vontade permanece liberrimo.

Muitas vezes trava-se uma luta terrivel entre o coração e a razão, e si esta vence não é porque o coração tivesse sido governado, porquanto governar é ter imperio, como disse, e entretanto em outros casos é a razão que cede ao coração.

A ti, coração, são certamente applicaveis as palavras de Dante:

"*Tu duca, tu signore e tu maestro.*"

variando somente a applicação, pois que Dante as dirigia a Virgilio e cada um de nós a seu coração.

25—XI—916.

NESTOR GUEDES.

Ao distincto collaborador Invar—Em resposta ao postal a mim dirigido.

Não posso deixar de responder a quem me deu a honra de offerecer tão amavel postal. Diz o senhor que me ama? como me pode amar sem conhecer-me? Francamente, senhor Invar, não comprehendo esse seu amor!

ALICE PEREIRA

Rio, 24—11—916.

QUERIDINHO...

Só hoje, depois de muito pensar, resolvi dizer-te a verdadeira causa que me impede a corresponder o teu amor.

Não te quero mentir absolutamente, e é esse o motivo que me leva a usar tanta franqueza.

Quando com tuas doces e meigas palavras vieste offerecer-me o sacrario do Cupido, recordas-te que fingi não comprehender o que dizias, e, ao ver-te, escondia-me como a linda borboleta se esconde da travessa joven que a persegue nos bellos jardins matizados de flôres.

Mas, hoje, que é passado um pequeno lapso de tempo, reconheço que o teu sensivel coração não deve soffrer com o meu profundo silencio.

Eis-me resignada, implorando perdão e confessando mais uma vez que não te posso amar, pois minh'alma por ti não aspira, emquanto geme, soluça e chora com saudades de seu primeiro amor, cuja ausencia de seu enlevo, um joven lindo e activo e de maneiras distinctas, a quem jurei amar eternamente, é venerada com dedicação extremosa.

Talvez, ainda um dia em que seu coração se arrepender dos infortunios dos corações das virgens que lhe souberam amar, elle retorne e offereça compassivo e piedoso o nectar da concordia á minh'alma espedaçada, porque o meu coração acaricia a esperança do resurgimento desse primeiro e santo amor.

Comprehendes agora, amiguinho, qual a razão que te não posso amar?

Esquece e perdôa-me.

AGENORA FIUZA.

A SAUDADE

Ninguem ainda definiu a saudade como Almeida Garret — E' o doce amargo dos infelizes.—Effectixamente, ella nos anima na ausencia dolorosa do ente amado, é a estrella radiante que nos illumina nas noites de tristezas; passadas longe do ente que adoramos, é o raio do sol bemdito que nos aquece o organismo no dia que passamos longe da pessoa que amamos.

Ella é a gotta de orvalho que refresca e vivifica as flores das nossas esperanças.

E' assim suave e consoladora.

Mas, quando despertamos desse doce sonhar, e voltamos á realidade da vida, nossos olhos não contemplam mais a imagem sympathica e meiga do objecto de nossos affectos. Então esse doce se torna amargo.

A alma humana sente-se arrebatada ao mundo da realidade, e vôa nas azas da saudade para o mundo das phantasias; quando, porem, nos achamos juntas do ente idolatrado a saudade desapparece e ao perpassar do tempo, quando presas á vida real, perdida a doce illusão que alimentava o nosso espirito já não sentimos as bellezas da vida ideal emanadas do objecto do nosso culto.

A flor que recebeu o nome d'essa emoção d'alma bem symbolisa esse sentimento que tanto dignifica a mulher.

VIOLETA BRANCA

S. Christovam, 13—10—916.

EPITAPHIO

R. L.

Para deital-o na cóva
Foi colossal a canceira
Quasi nella não cabia
Por causa da cabelleira!

PINTO CALÇUDO.

Correspondencia

Francisco J, Moreira—O seu soneto necessita muitos e muitos retoques.

Desinha Andrade — Publicaremos. Póde mandar.

Almir Domingues—«Um Adeus» do Snr., é tão agradavel, que, apenas lamentamos o amigo escrever *voctos* e rimar *has de* com saudade.

Raul Albuquerque—Porque o amigo não vendeu essas flores no dia de finados? Talvez lucrasse mais do que fazendo um ramalhete sem graça para offertar á sua Sylvia.

Correspondentes

São nossos correspondentes: em Petropolis, o Sr. Euclydes Raeder;

em Nictheroy, o Sr. Heitor de Frias Sá Pinto;

em Campos, o Sr. Leonel Dorna da Silva;

em Bello Horizonte, o Sr. Alberto de Castro Leite.

Paginas Infantis

Supplica ao luar

(*Reminiscencia de minha infancia, á memoria de meu pae.*)

Oh! lua; pallida e querida amante do poeta; oh! lua, meiga e silenciosa confidente dos amantes, rompe esta tenue nuvem que te occulta o brilho argenteo, como um casto véo de noiva velando a face pura, e deixa que eu me banhe toda, na tua luz suave e prateada.

Quero ver-te em toda pujança de tua belleza radiante, que me deslumbra como uma apparição de sonho, formosa como uma pintura da Renascença, pura e singela como a propria virgindade!..

Assim! Parece-me que brilhando como agora te vejo, espargindo em todo explendor a tua luz divinalmente bella, teus raios de prata penetram mansamente em todo meu ser, atravessam o corpo, e se vão aninhar no fundo d'alma, despertando recordações de minha infancia, que lá adormecem embaladas pelas melodias, ora risonhas, ora tristes, melancolicas, entremeadas de soluços, que canta junto á mim a fada da mocidade!...

Oh! lua, silenciosa e pallida confidente das maguas do poeta, querida e discreta testemunha dos idylios d'amor, banha-me toda na tua luz docemente suave, e deixa que teus raios prateados, penetrando-me na alma, venham brandamente despertar a lembrança d'aquella ilha poetica, onde vivi alguns tempos de minha infancia, d'aquelle mar, que tantas vezes fitei despreoccupada, bonançoso a ondular a superficie esmeraldina ao leve sôpro da brisa, sussurrando de manso ternos queixumes de amante apaixonado, e onde tu te reflectias numa longa nesga de luz, que o continuo balançar das ondas fazia tremular como pedraria rara e scintillante!...

Brilha, resplandece, formosa e casta irmã de Phebo, acordando em mim a lembrança d'aquelles singelos serões, que os habitantes da ilha faziam illuminados pelo teu clarão, contando lendas das fadas bondosas, princezas de longos cabellos, pagens languidos e bellos.

Havia tambem, quasi em todas, um rei despota e rigoroso que prendia em negras torres a pobre princezinha, pallida e formosa, que se enamorava do languido pagen, ao do romantico trovador, que lhe cantava com voz maviosa e magoada as mais ternas juras de amor, chamando-te por testemunha.

Senhorita Isaura Nunes, filha do sr. João R. Nunes, e a interessante Dulce, filha do sr. Campos e Heitor — Capital.

Na ingenuidade santa de meus sete annos, fiquei uma noite igual a esta sentada nos degráos da escadinha de nossa casa, a fitar-te religiosamente, murmurando uma prece, quando a voz triste e doce de meu amado pae me veio interromper indagando:

— O que fazes, meu amor?

— Peço á lua que me dê um cabello tão grande como os das princezinhas da torre, e que deixe o meu papae ficar velhinho... muito velhinho.

Tu lembras, pallida Diana, o sorriso feliz que illuminou a face melancolica de meu pae, que quasi nunca sorria, e o clarão de alegria que brilhou em seus olhos sempre repassados de infinda amargura! Lembras; tanto assim, que és tu mesma quem vem

acordar em minh'alma essas recordações dolorosas...

E não me ouviste!... Deixaste que a morte impia, deshumana, surda aos meus rogos, lançasse bem cedo sobre o leito, hirto, enregelado, o corpo de meu pae adorado!

Agora, deixa-me crêr em ti, como no tempo em que era pequenina... mas ouve a minha supplica: Vae, lua... sobe... mais ainda. Continúa até attingir teu apogeu, vae á mansão dos justos, onde meu pae descança, dizer-lhe que em meu coração, saudosa, a sua imagem eternamente vive, docemente envolvida no manto da mais profunda e santa veneração, e pedir-lhe que ore a Deus por mim, dando-me sempre, na jornada da

O travesso Amaury, filho de Mme. Gracinda Monteiro — Capital

vida: por lema a virtude; por companheira a resignação e por guia o nobre amor de meu esposo!

. . . .

Vae Diana... pallida Deusa dos poetas... doce confidente dos amores... Vae! Mas volve outra vez sem a mais tenue nuvem a occultar-te o brilho argenteo, como um casto véo de noiva vellando a face pura, para que eu me banhe inteiramente na tua luz serena e magestosa.

SANTUZA.

A TRISTEZA

(Dedicado á boa amiguinha Ophelia W. da Silva.)

Por uma manhã do mez de agosto, mal despontava no horizonte os primeiros clarões da aurora, já os sinos da pequenina hermida, badalando sonora e plangentemente, annunciando a missa, convidava os fieis ao templo.

Toda vestida de preto, o que mais fazia sobresahir a pallidez de um bello rosto, em cujos olhos viam-se os signaes evidentes de lagrimas e deixavam transparecer a grande amargura que lhe ia n'alma, transpunha os humbraes do templo uma joven dama: — era Dalva.

Com o olhar fito na imagem de Christo, offerecia-lhe uma prece fervorosa, implorando o restabelecimento de seu querido esposo, que jazia moribundo no leito de dôr...

Ao terminar as orações sahiu cabisbaixa, com o coração fortalecido pela esperança.

Chegando á misera choupana, foi em direcção a uma alcova sombria, em que repousava sobre uma cama de ferro um moço agonisante.

Dalva, sempre meiga, approximou-se a Mario, acariciando o seu descorado rosto.

Mario, com o olhar enternecido, como que se despedindo de sua fiel amiga, exhalou o ultimo suspiro. Dalva, afflicta como uma ave desaninhada, cahiu em prantos sobre o corpo d'aquelle a quem tanto amara e jamais o teria perto de si; e agora ia viver abandonada sem os carinhos do seu inesquecivel Mario.

WALKYRIA EURYDICE DE MATTOS BRAGA.

AVE-MARIA

A' minha irmã Gioconda)

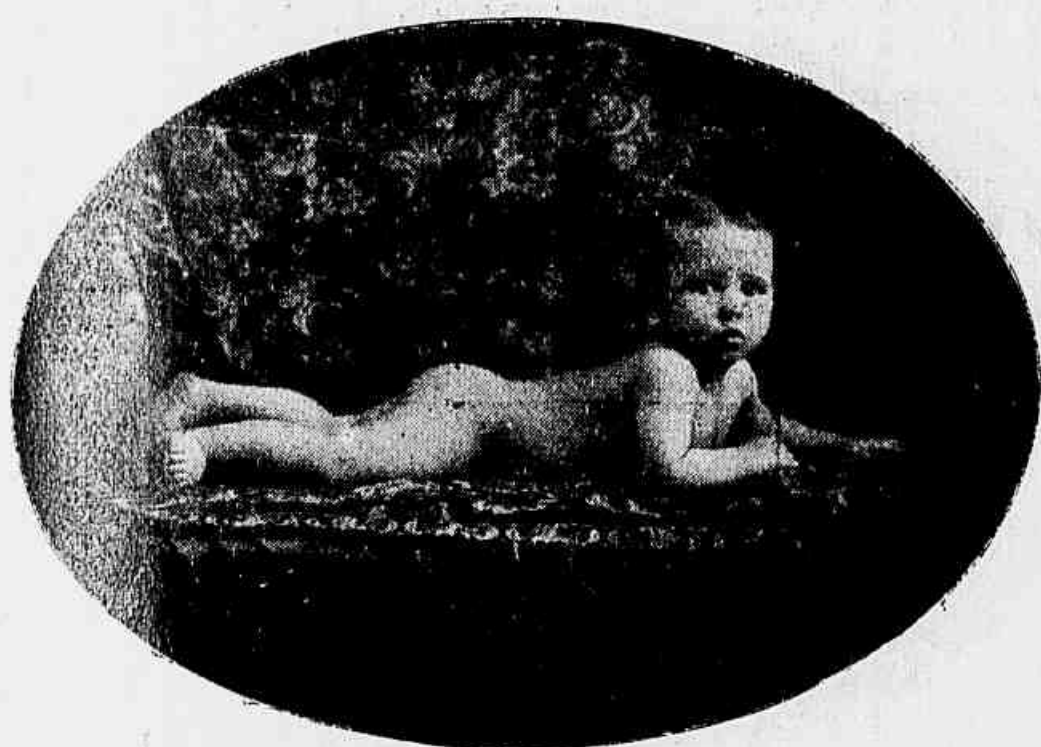
Na torre da igreja
O sino plangia,
E os crentes rezavam
A Ave-Maria.

Ao cimo d'um galho
Cantava ditoso,
Um lindo canario
N'um tom amoroso.

A tarde morria
Findava-se o dia,
E o sino soava
A Ave-Maria.

Os raios do sol
Morriam no leste,
E a lua surgia
No templo celeste.

Em tudo eu pensava
Emquanto se ouvia,
O sino planger
A Ave-Maria.

NELSON P. SOUZA

O interessante Ary - filho de Mme. Edith Camara — Capital

A' Francisco Mozart do Rego Monteiro

Na contemplação sublime do firmamento recamado de lindissimas estrellas, sinto penetrar na minh'alma, um sem numero de cogitações vagas, indefinidas, apparecendo sempre, em meio dos meus scismares, a tua imagem tão estremecidamente querida...

Mais formosos ainda que esses astros dispersos pela cupula immensa, mais fulgurante ainda, são os teus olhos que sobre mim poisam n'uma fria catadupa de indifferentismo!

Amas a outra, talvez...

Outra é, talvez, a feliz eleita do teu coração?..

Que sejam felizes e que eu — louca! — ás recordações dolorosas das minhas magoas successivas, deixe deslisar as lagrimas pelas faces e invadir-me a saudade de qualquer cousa desconhecida, ignorada...

Longe, um piano soluça uma velha sonata que vem, n'uma profusão harmonica de doloridos sons, evocar-me o teu nome, dulcissimo poema de amor e melodia!

IGNOTA.

CREPUSCULO

Lá no alto do templo repicava o sino annunciando o Angelus. Os passarinhos corriam pressurosamente em busca de seus aconchegos, a natureza se revestia de um completo manto plumbeo. Tudo neste momento, encerrava um tom melancolico! Através o horizonte surgia Diana, a bella substituta do Astro-Rei, encantadora, revelando em seu todo um quê maravilhoso e incomprehensivel.

Debruçada em minha janella, contemplava extasiada este espectaculo portentoso da natureza!

Uma nostalgia estupenda acudiu-me ao espirito, fazendo recordar felicidades passageiras de um amor acrisolado que foi vilmente esquecido, outr'ora requestrado...

Meu coração lugubre, parecia sonhar, minh'alma elevou-se ás regiões ethereas e então ante ao Creador, implorou uma divina benção e suprema coragem para resistir aos embates procellosos dessa minha existencia phantastica...

EROTICA.

LAMENTO...

A' 14-1-14 3-24

Tu não me sabes comprehender... tu não ouves os gemidos continuados do meu pobre coração...

Eu, quando a existencia me sorria... quando não te conhecia ainda, era alegre... era cultivador assiduo de fartos sorrisos, que ora feneceram em meus labios...

Tu não has de me vêr mais sorrir... tu não has de ver jamais a alegria que brilhava nos meus olhos, quando te fitava... não has de vêr mais... nunca mais...

E é amôr... é excessivo amôr o sentimento que a ti me prende e que jamais se deslocará do meu pensamento...

Uma palavra basta... uma só palavra tua basta para fazer reflectir na penumbra do meu peito um raio de luz e de esperança!... Tem piedade!

C. G. — 1916.

MARTYR.

MODOS E MODAS

UM LINDO VESTIDINHO PARA MENINA

OUTRO BELLO VESTIDINHO PARA MENINA

O principal adorno para os vestidos de verão é o filó. Usam-se mesmo com grande intensidade vestidos de filó, que vão tomando o governo da moda.

A écharpe de filó, sem enfeite, de pontas sem bainha, em torno do pescoço para completar as toilettes dos generos de casacos e saias sportivas, é o chic nas rodas mundanas.

A fazenda preferida para as toilettes sportivas é o shantung, de côr amarella.

As blusas tiveram tambem algumas modificações, que as tornaram mais lindas.

As blusas de lengerie com abas, que começam do alto da cintura, são as mais usadas.

As fazendas devem ser leves e transparentes, sendo as mais modernas variações de padrões as listas azues em fundo branco, rosa e branco, preto e branco ou verde e branco.

A combinação em voga, para ser usada á tarde, nas escolas, ou para

as moças que tenham occupações diurnas na cidade, é a saia de linda côr vermelha com blusa branca.

As golas não perderam o seu valor; continuam arrogantes a desafiar os demais enfeites. Fazem parte complementar, em combinação com os punhos virados das blusas de abas.

Essas blusas, como já dissemos acima, devem ser confeccionadas em fazendas leves, afim de não serem engommadas e tornarem-se praticas e adequadas a esta estação.

Outra blusa, que deve ser bem talhada; pois a sua principal elegancia é o talhe, e apenas aberta na gola, de forma a ser enfiada pela cabeça, é a blusa russa para as mocinhas.

No nosso numero passado falámos em tres vestidos para passeio, cujo *cliché*, por falta de espaço, não foi publicado; o que fazemos neste numero, ampliando em novos modelos de vestidos para o mesmo fim. São mais nove bellissimos vestidos que podem ser confeccionados em linho com salpicos, em voile, lã leve em riscas e «jersey» de seda, mousseline e tafetá.

Para esses nove modelos apresentamos conjuntamente os modelos de chapéos que melhor se casam com elles.

Não esquecemos das crianças, que muito dão que fazer para a escolha de figurinos adequados aos seus pequenos corpos.

Os modelos de costumes para meninos são os mais modernos e feitos em linho, algodão, turçal ou fustão.

O modelo favorito é o caçador, principalmente em beige.

Para meninas os principaes modelos de vestidos são os que estampamos.

Temos visto diversas senhoras acompanhadas de seus bebés, cujos vestidos foram feitos da mesma fazenda de suas toilettes, quando de tecidos leves e claros e que possam ser usados pelas crianças.

MODELOS DE COSTUMES PARA MENINOS

LINDOS VESTIDOS E MUITO SIMPLES

TOILETTES PARA A CIDADE

1.—Toilette de voile. Corsage atravessado por dois viezes de tafetá, guimpe de voile. Gola com plissé de tulle. Mangas curtas. Cinto e aba de tafetá. Saia franzida na cintura.

2.—Toilette de musselina de seda. Corsage sobre peitilho de musselina, laços de setim. Mangas curtas. Saia bordada franzida na cintura. Cinto e dessous de setim.

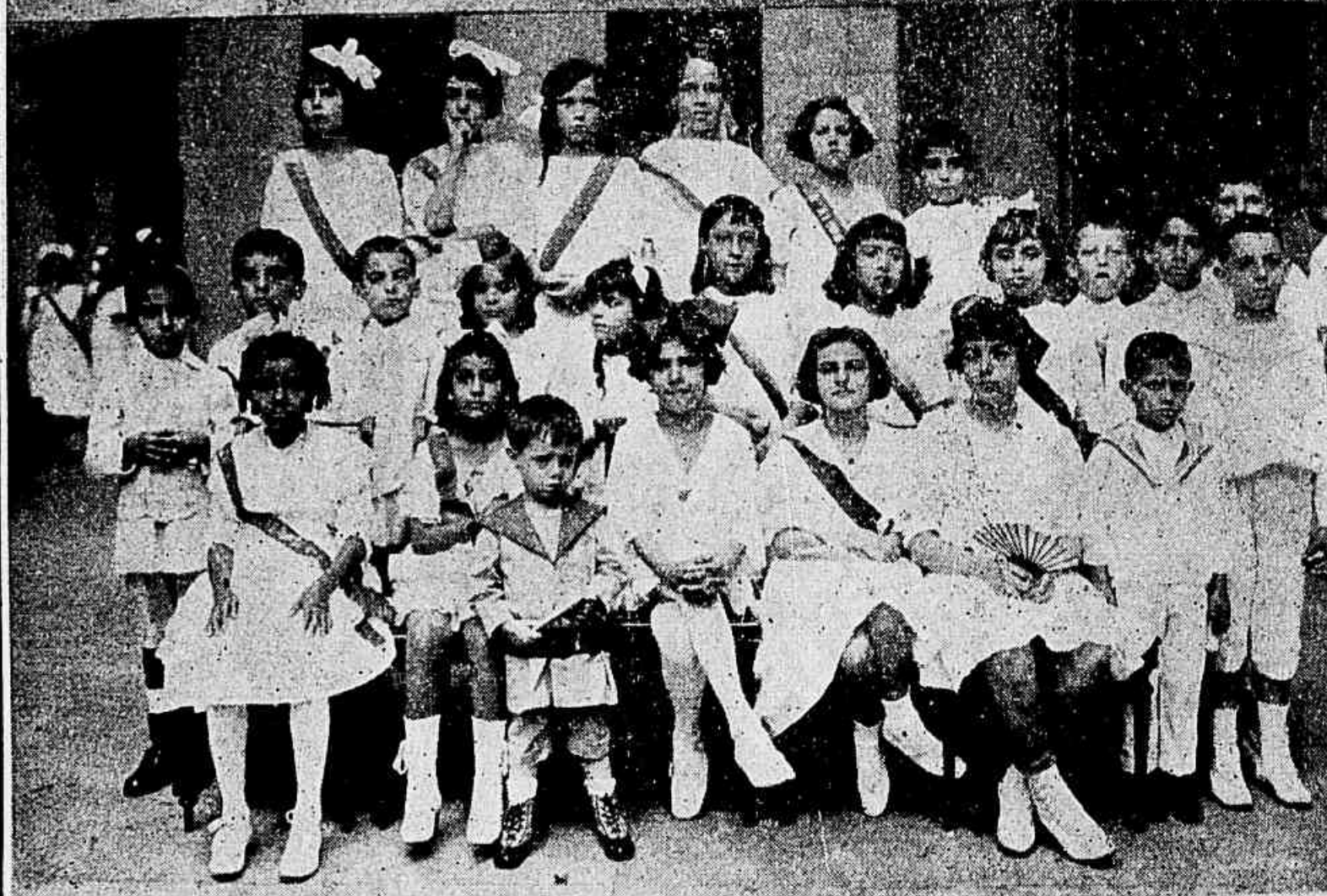
3.—Toilette simples de tafetá, corsage com aba, em trespasse, guarnecido de soutaches finos de sêda. Saia em pregas largas.

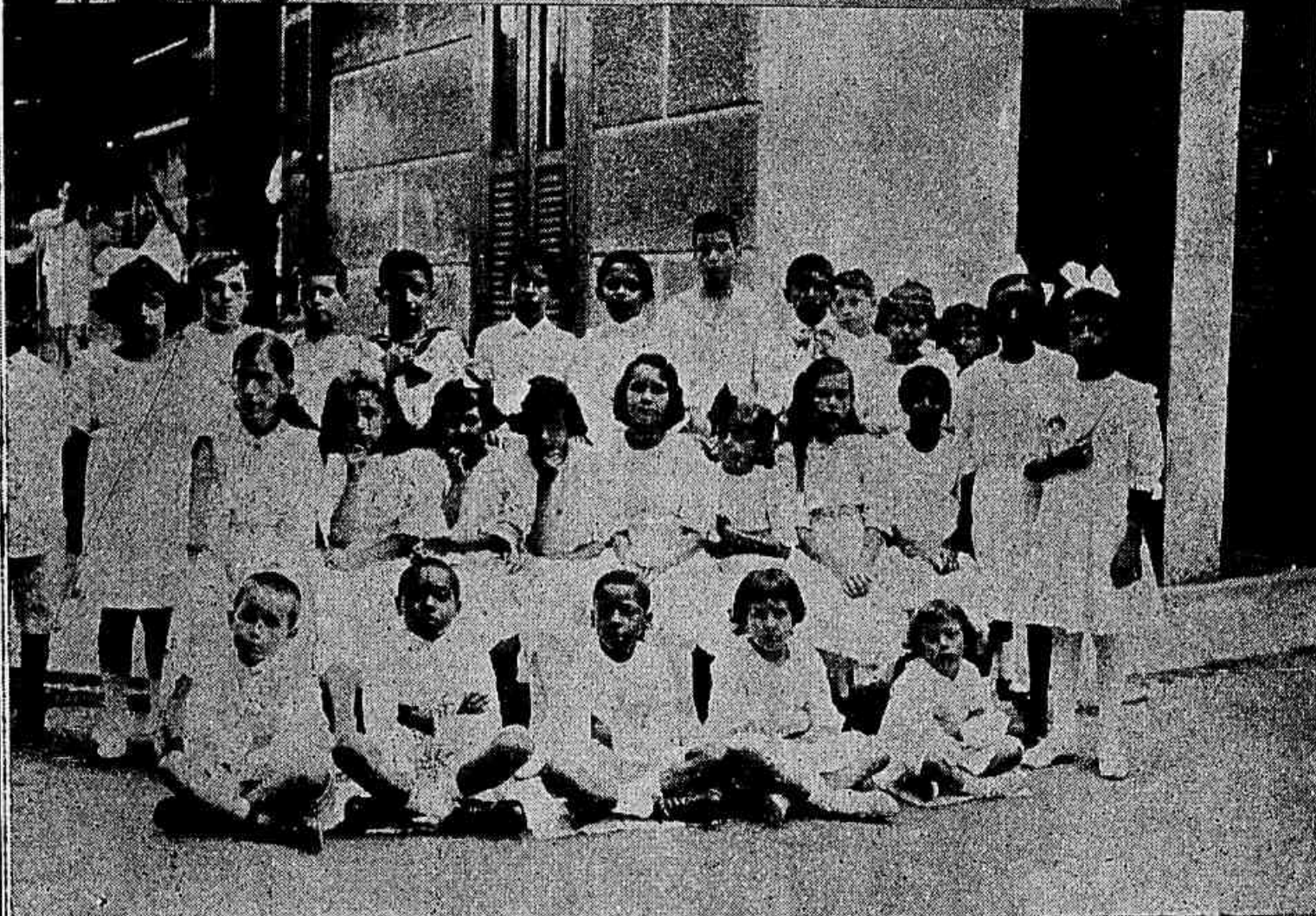
4.—Toilette em faille. Blusa de guipure de Veneza mangas curtas. Grande collarinho de tafetá. Saia sino recortada dos lados.

5.—Toilette de surah. Corsage a soutache, guarnecido de um babado de musselina plissée. Cinto de tafetá. Saia e godets com sob-saia de musselina plissée.

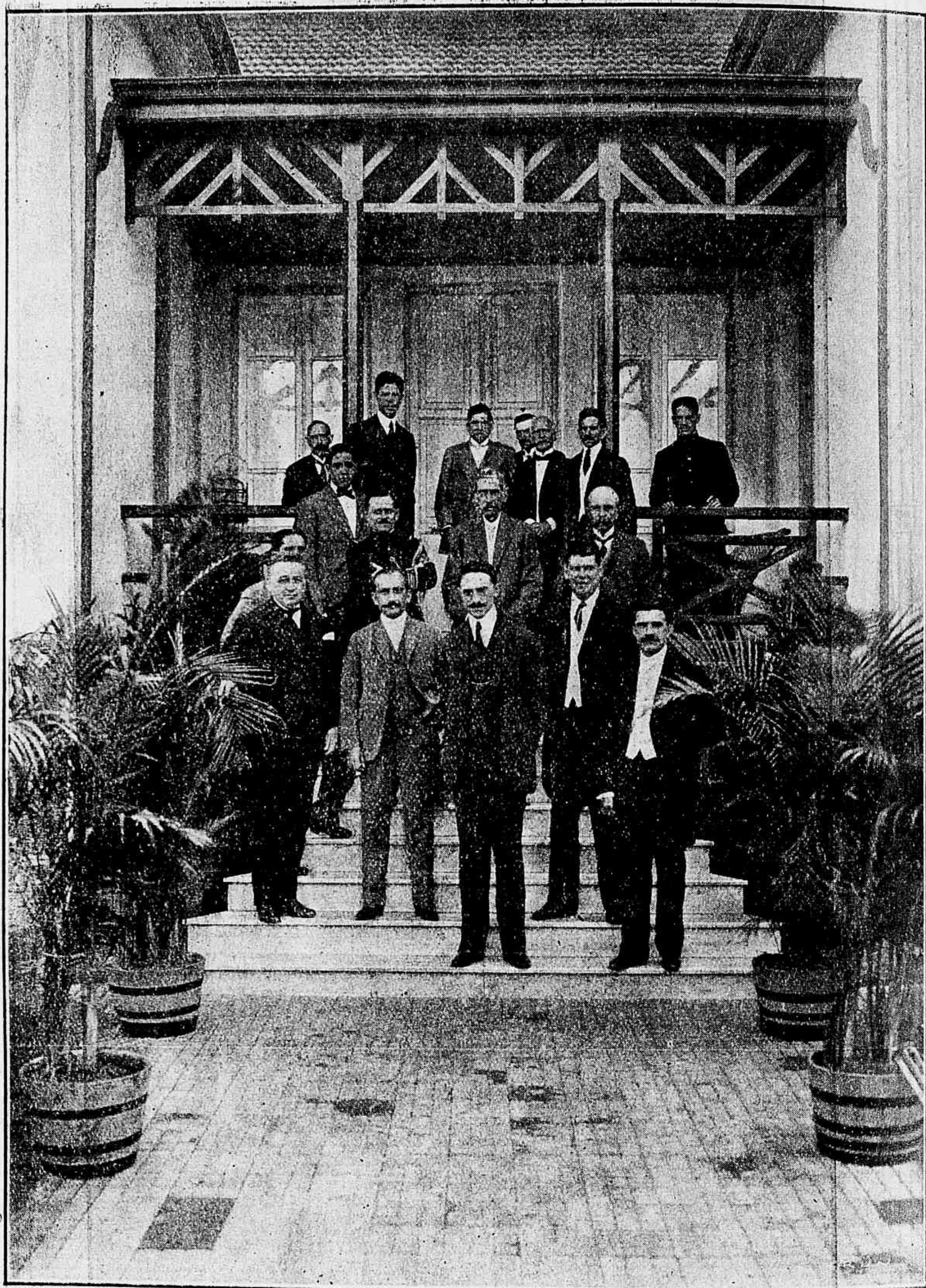
(Da «Rainha da Moda»)

FINAS TOILETTES PARA PASSEIOS

O "Jornal das Moças" na Escola "Affonso Penna"

1 — Grupo de professoras e alumnas. 2 e 3 — Alumnas que cantaram o Hymno Nacional por occasião do encerramento das aulas

O "Jornal das Moças" na Escola "Medeiros e Albuquerque"

1 — Alumnos do 4º e 5º annos, que cantaram o hymno «Em recreio». 2 — Alumnos do 3º e 4º annos, que cantaram o hymno «O Tempo». 3 — Alumnos da classe maternal do 2º e 3º annos, que cantaram o hymno «O cavallinho».

A visita do Presidente do Estado de S. Paulo a Pirassinunga

Sua Ex.ª e a sua comitiva posando para o "Jornal das Moças" na residencia do Dr. Prefeito Municipal

Na primeira fila da direita para a esquerda: Dr. Mario Tavares, Dr. Fernando Costa, Dr. Altino Arantes, Dr. Oscar Rodrigues Alves e Dr. Freitas Valle.

Segunda filla: Victor Vianna, Jorge de Mello, Major Legeune, Coroneis F. Vieira e P. Guimarães.

Terceira fila: Capm. José de Mello, representante d'«A Cigarra», Capm. Joaquim Conceição, Vereador, Capm. Eugenio Passos, Collector Federal e Urbano Rebello, director d'«O Jornal».

A FLAUTA MARAVILHOSA

Ao *distincto flautista* OLAVO CUNHA

Polka

MARIO ECKHARDT

O enlace dlle. Letizia Bove - Dr. Olegario de Azevedo

1, o acto civil 2, após o acto religioso na egreja da Candelaria — 3, demoiselles e garçons d'honneur

Foram paranymphos no civil, por parte da noiva, o dr. Raul de Campos e sua exma. esposa, e do noivo o dr. Manoel Ferreira; e no religioso, da noiva, o almirante Frederico Corrêa da Camara e sua exma. esposa, e do noivo, o prof. dr. Azevedo Paulino

NOTAS MUNDANAS

As festas escolares foram a nota principal das diversões mundanas da ultima semana. Quasi todas as escolas encerraram as aulas com chave de ouro, conseguindo da infancia as mais altas provas de applicação.

As exposições de trabalhos manuaes e mentaes excederam a espectativa. Os hymnos patrioticos e os cantos civicos foram entoados com mais enthusiasmo e amor; as representações de pequenas peças theatraes foram bem desempenhadas; emfim, em tudo ficou patente o e forço e a applicação das professoras e alumnos.

Damos diversos *clichés* das festas de algumas escolas, que nos honraram com convites.

— O Sr. Julio Tumba, funccionario da Repartição dos Correios, offereceu ás pessoas de sua amizade, no dia 31 do mez findo, uma festa elegante, em commemoração de seu anniversario natalicio.

Foi offerecido um lauto banquete aos convidados, sendo nessa occasião trocados diversos brindes.

Na parte litterar a tomaram parte os srs. Alcides, Maia, J. Faisca, senhorita Alice, Sr. Caetano da Silva e o menino Hamilton Tumba, que com muita graça disse versos infantis.

Na parte musical tomaram parte os Srs. José Faisca e tenor Caetano da Silva, que cantou *Addio!*, *Il libro santo*, *Lolita*, *Toma Amore*, sendo os acompanhamentos feitos pela Sra. Elisabeth Tumba, que dirigiu a parte musical.

Entre as pessoas presentes pudemos notar as Sras. Augusta Pinto, Alice Pinto, Lucilia Xavier, Lili Xavier, Joaquina da Silva Oliveira, Bellinha Caldeira Lucinda, senhoritas Celina Xavier, Carlota, Lydia, Nonoca, Esmeralda Chaves, Ernestina, Janinha, Valentina Ercy, Luiza, Alice, Judith da Silva, Srs. Creso Pinto, Carlos Pinto, João Costa, tenor Caetano da Silva Oliveira, poeta Alcides Maia, Ulysses Nascimento, Olegario Pereira da Silva, Egberto Xavier, Edevaldo Xavier, Paulino Souza, Arthur Desgranges, José Faisca, Omar Brito, Luiz Paixão, J. Caldeira e João Marques.

Depois do concerto tiveram inicio as danças que se prolongaram até alta madrugada.

— Realisou-se no dia 2 o casamento do Sr. Dr. Olegario de Azevedo, enteado do Sr. Alexandre Ribeiro, com a senhorita Letizia Bove, filha do Sr. Achilles Bove, negociante.

Serviram de padrinhos no religioso, por parte da noiva: o almirante Frederico Corrêa da Camara e sua esposa, por parte do noivo: o dr. Augusto Paulino de Souza; no civil, por parte da noiva: o dr. Raul Campos e esposa, e por parte do noivo o dr. Manoel Ferreira.

Serviram de «demoiselles d'honneur»: Altair Camara, Ruth Barbosa, Alcina e Leonor Muniz, Maria e Nair Fonseca, Dora Castello Branco, Selene Bustamante, Nair Costa, Amales Aguiar, Hilda e Olga Cunha, Olga de Azevedo e Odette Bover. Foram «garçons d'honneur», os srs. dr. Achilles de Araujo, dr. Manoel Veiga, Augusto Muniz, dr. Luiz Paes Leme, Miguel Nazareth, dr. Hugo Carneiro, dr. Oswaldo de Azevedo, tenente José Coutinho, Paulo Daniel, dr. Eurico Crespo, Armando e Alfredo Mangia, dr. Adjalme Garcia e Orlando Ribeiro.

Foi servido aos convidados um lauto banquete e entre flores, alegria e distincta convivencia foram prestadas as honras e saudações aos illustres nubentes.

—Esteve brilhante e assaz animada a festa que, para celebrar o seu enlace matrimonial com a senhorita Anna Henrique do Rio, o sr. Alvaro Machado offereceu as pessoas de suas relações sociaes no dia 2.

Enlace dlle. Anna Henrique do Rio -- Alvaro Machado

Noivos e convidados posando para o *Jornal das Moças*

Senhorita Joanninha Arthur Oscar - Capital

TROVAS

I

Menina, minha menina,
Minha flôr de mamão macho,
Quanto mais pintas a cara,
Tanto mais eu feia t'acho.

II

Morto de amor, pobresinho,
Aos teus cabellos atado,
Encontrei, esticadinho,
Meu coração enforcado.

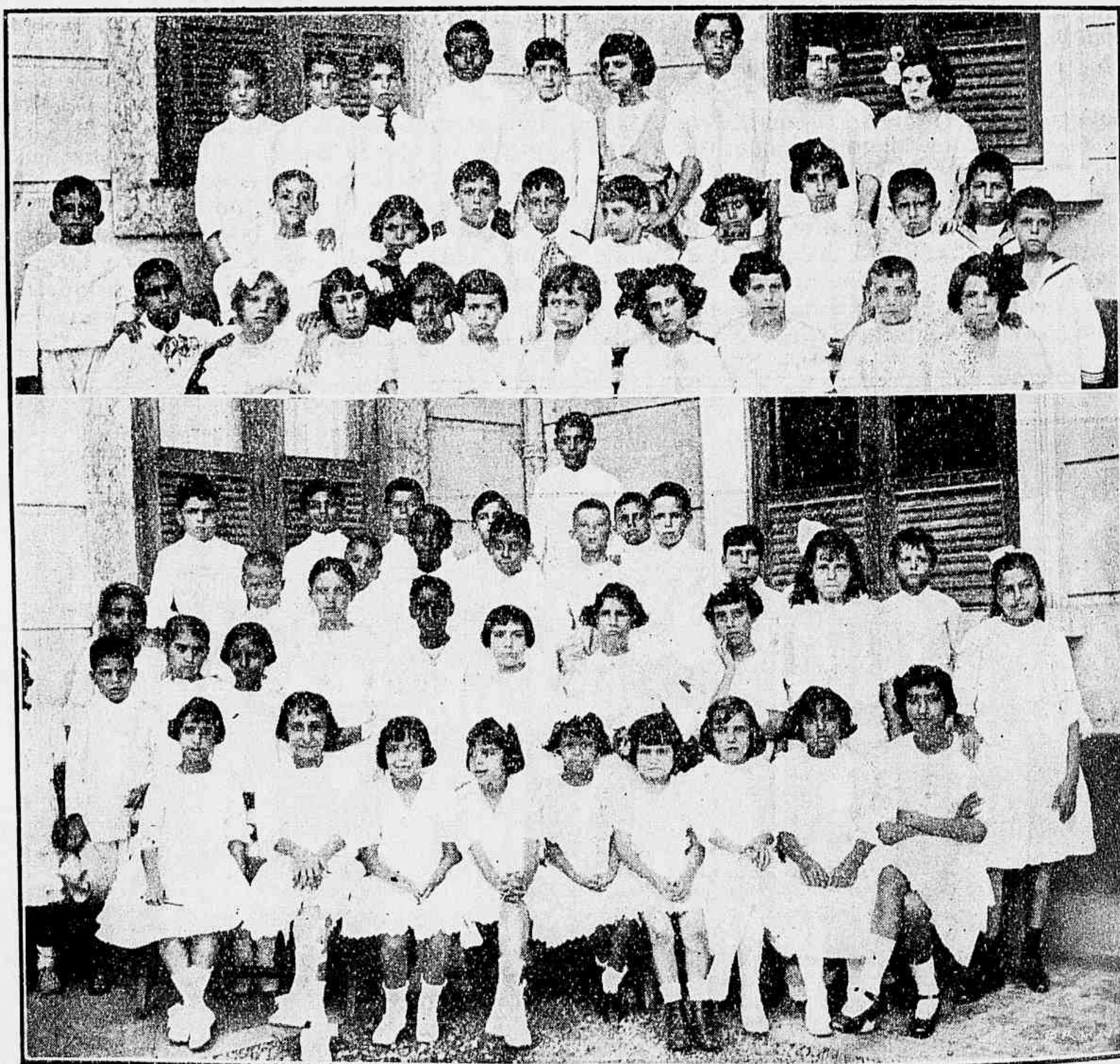
III

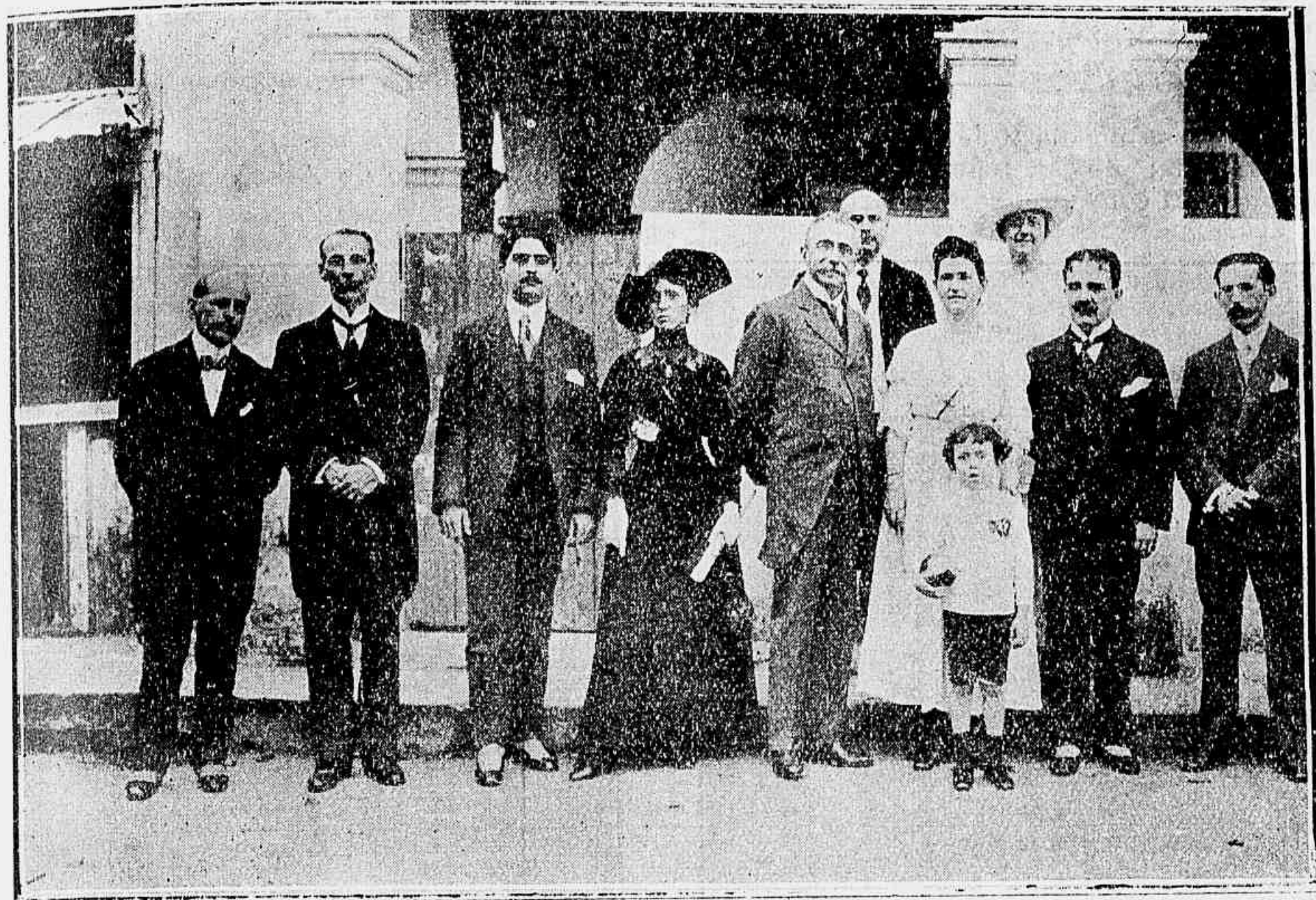
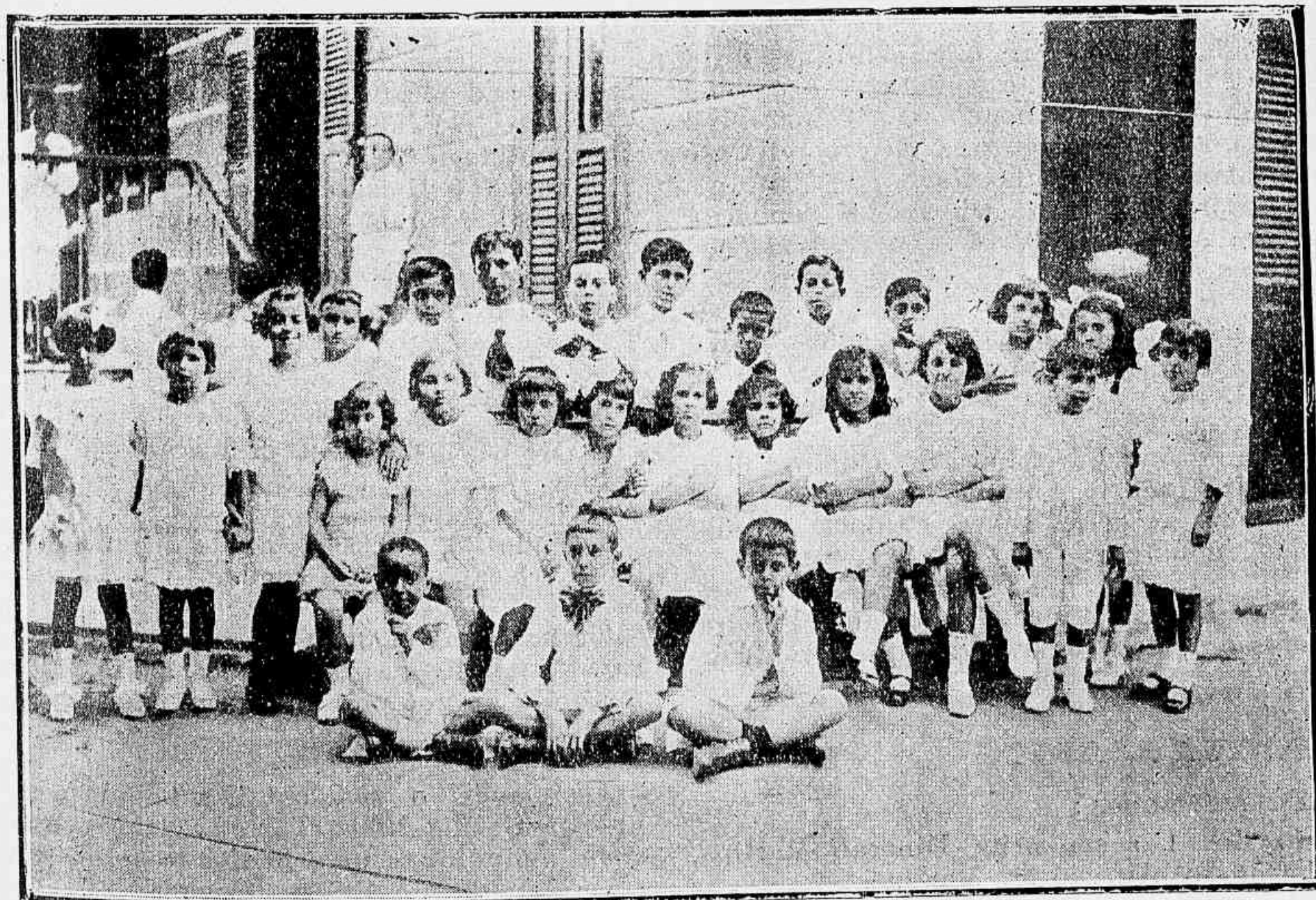
Se tua mãe continúa
A chamar-me de maluco,
Eu qualquer dia vou ver-te,
Mas armado de trabuco!

IV

Oh! minha bella morena,
Oh! minha flôr de tomate!
Hei de gostar de você
Embora seu pae me mate!

PINTO CALÇUDO.

O "Jornal das Moças" na ESCOLA NILO PEÇANHA

Festa do encerramento das aulas.

O "Jornal das Moças" na Escola "Medeiros e Albuquerque"

Snr. Heitor Mello, Dr. Afranio Peixoto, D. Sylvia Naylor, Dr. Medeiros e Albuquerque, D. Esther Pedreira de Mello, Dr. Paulo Sodré, Dr. Baptista Pereira, Dr. Virgilio Varzea, D. Helena Medeiros, Dr. Arthur Naylor; José Affonso Soares, alumno da classe maternal.

Alumnos do 2º e 3º anno que cantaram o hymno «O Cavallinho»

NOTAS SOCIAES

CASAMENTOS

Realisa-se no dia 9 do corrente, o enlace matrimonial do sr. tenente Edgard Alves Bittencourt com a senhorita Maria do Carmo

Senhorita Maria do Carmo Stozemback Moreira

Tte. Edgard Alves Bittencourt

Stozembach Moreira. São padrinhos o dr. Ernani de Moraes e senhora e o coronel Augusto Alves Bittencourt. O acto civil terá logar na 6ª Pretoria civil e o religioso na matriz do Engenho Novo.

Consorciou-se no sabbado a senhorita Adelia Avila da Silva com o sr. Lourenço Tavares de Almeida.

—:—

Contrataram casamento : a senhorita Julieta Delduque com o sr. dr. Antonio do Rego Leite.

—:—

a senhorita Elza Gomes de Queiroz, filha do major Ignacio Antonio Moreira de Queiroz, com o sr. Vicente Paulo Duterville Colás, industrial.

—:—

a senhorita Anesia Bustamante Pereira, professora, com o sr. Augusto Alves Ferreira.

—:—

ANNIVERSARIOS

Fizeram annos :

no dia 1 a senhorita Dinorah Martins, filha do sr. Alfredo M. Martins.

—:—

no dia 2 :

a senhorita Guiomar de Niemeyer, filha do nosso collega de imprensa sr. Olympio de Niemeyer.

—:—

o dr. Accacio de Araujo, clinico conhecido.

o nosso illustre e digno redactor chefe e proprietario desta Revista, sr. Jonathas de Carvalho. fez annos no dia 2, tendo por esse motivo a feliz occasião de reconhecer o quanto é estimado e apreciado pelos amigos que lhe foram cumprimentar.

—:—

o sr. professor Miguel Maria Jardim; o dr. Pedro Tavares Pessôa; o dr. Cesar Tinoco.

—:—

no dia 3:

a joven Clarice, filha do sr. Alberto Raymundo.

—:—

a senhorita Maria Dulce de Miranda, filha do sr. Oscar de P. Miranda.

—:—

Transcorreu a 3 do corrente o anniversario natalicio da exma. sra. d. Alzira Braga, distincta progenitora da nossa querida collaboradora Walkyria.

—:—

Festejando o seu natal, a talentosa senhorita Cecilia Netto Teixeira, offereceu ás suas amiguinhas uma brilhante soirée que se prolongou até alta madrugada.

—:—

no dia 4:

a senhorita Regina Thibau, professora

adjunta do grupo escolar Thomaz Gomes.

—:—

o galante menino João Baptista, filho do dr. Cortes Junior, digno promotor publico.

—:—

o sr. José Hugo Koff, estimado tabellião.

—:—

Passou-se a 4 do corrente o anniversario natalicio do sr. capm. José da Fonseca Rangel, tio do nosso illustre collega de imprensa Candido de Campos.

—:—

a senhorita Athenas Gomes Figueira, filha do sr. José Gomes Figueira.

—:—

o sr. Luciano Augusto Lopes, dignissimo director da Companhia Argus Fluminense

no dia 5:

a senhorita Olga Ribeiro Prado, filha do sr. Manoel R. Prado.

Fazem annos:

no dia 9 a senhorinha Doralice Pimentel, filha do sr. Attila N. Pimentel.

no dia 11—a senhorita Yara Semiramis Pinto, filha da viuva Rosinda Pinto.

—:—

NASCIMENTOS

Está em festa o lar do casal Bartholomeu e Jovina Franca Reis, pelo motivo do nascimento de sua filhinha Joazeirina.

ESPHYNGE DE NEBLINAS

Pelos meus jardins silentes e desertos anda o teu vulto de Vestal eleita. Vens sob um céo de Luar, nevado e enorme, toda ungida de luz á hora em que tudo dorme...

Palmilhas scismadoras violetas, que fenescem á proporção que, em desapparecendo, a tua silhueta diminue.

Porque te não demoraste, ó Esphinge de Neblinas, ó exotica irmã de Insaciedade Intellectiva?

As horas edemicas, que se me offertaram, clamam contra o teu Desdem, que se chamará Remorso n'uma edade senil, quando se vive pela Memoria...

Que fizeste do verão da Vida para os serões á lareira do Inverno Derradeiro? Como imaginarás todo

"o esplendor do que deixou de ser"?

Exul do teu Requinte, ao léo de intensas, amorosas scismas, eu me medito do meu estuario de Saudades langues. Langues e lindas, minhas Saudades são nereidas tecedoras de Chimeras: Motivos ideados e motivos que não lograram a exhaltação de todos os Sentidos! Saudades do Irreal, do Imprevisto, do Bello imaginario, mas de bizarras, imprecisas fórmas. Saudades de attitudes somnolentas, que fluem madrigaes pela silenciosa eurythmia do Extase.

Ai! Minha Doçura! Desappareces quando meu espirito, em hipostase, te elege e cultua, quando murmura confiantemente inclitas e presagas confidencias: "... quo non ascendam?..."

Que fizeste, minha Helena rediviva, para a Ultima-Evocação, n'um dia longe, para além de agora, lá das ruinas do nosso proprio aspecto, quando não mais destruires corações nem cidades?

Eu te maldigo "pela tristeza do que tenho sido", por minha eternidade de Avidez!...

Rio, Setembro de 1916.

ORPHEU VINICIO.

Recordando... para viver

Para o que possue meu coração.

Ha dias, li, numa velha revista, o pensamento: «As lagrimas arrancadas pela ingratidão do ente que adoramos queimam as faces, reseccam o coração!» Oh! sim; posso dizer que

Senhorita Alda Gonçalves — Capital

queimam as faces, porque já chorei muito, choro ainda, e tenho as faces ardentes, queimadas, mas dizer que estas lagrimas reseccam o coração não posso, porque não tenho mais coração...

Foi assim... ha tempos... numa reunião familiar; elle não foi, porém foi uma pessoa da intimidade d'elle.

Sentia-me triste, estava com o coração amargurado, mas esforçava-me para parecer alegre... Como representei bem o meu papel! Pobre coração! tão atribulado, emquanto eu ria-me... ria-me...

Tarde da noite, á hora da mesa, no meio dos risos, e quando faziam saudações, eu, aproveitando a confusão, desvairada talvez, no apogêo do delirio, tirei uma sempre-viva de uma jarra e entreguei á pessoa intima d'elle, dizendo: «Toma esta sempre-viva; tem a côr do ouro e significa: — Hei de amar-te até morrer! — Entrega-a á pessoa que eu mais adoro; junto a ella vae o meu coração; é d'elle!» Calei-me, offegante, arrependida talvez...

Desde então fiquei sem coração...

Não sei se esta pessoa entregou o que lhe confiei; mas coração não possuo mais...

Foi assim... e ao ler: «As lagrimas arrancadas pela ingratidão do ente que adoramos queimam as faces, reseccam o coração!», recordei-me deste dia, para viver um pouco; posso dizer que estas lagrimas queimam as faces, porque tenho as faces rubras, ardentes, queimadas; mas dizer que reseccam o coração, não posso, porque não tenho coração...

FLORA TOSCA, a triste.

DISTANTE

A' N...

Longe... sim, estaes muito longe... bastante longe de um ente que vos adóra...

A distancia, minha querida, nunca diminue o amôr que trazemos silenciosos em nosso coração... a distancia revigora-o e quando a saudade existe, oh! eis que sentimos crueis dôres... eis que sentimos a vida nos fugir ..

E eu vos amo... eu lamento vossa ausencia... eu chóro de saudades...

A illusão de um dia me amardes, vae pouco a pouco desapparecendo do meu espirito... Já não tenho esperanças .. sinto-me fraco, mesmo assim caminho... caminho devagarinho, ao appello da Morte...

Si um dia, um arrependimento sincero vos assomar á mente, não me lamenteis eu vos peço, porque fazieis padecer assim, a alma de quem vos idolatrou apaixonadamente...

Adeus, minha amada, adeus... procurae no esconderijo do vosso meigo coração uma palavra de conforto e m'a envieis, quando a brisa sussurrante passar sobre vossa janella...

Meus excessivos affectos.

C. M. — 6 — 11 — 916.

AMOR PERFEITO.

Senhorita Adelia Ribeiro — Capital

"Podemos porventura governar nosso coração?"

Ao Sr. Nestor Guedes

O coração é um abysmo mysterioso que nunca offerece resultado positivo por mais que o sondem. Diz o distincto Sr. N. Guedes que não se pode governar o cor-ção. Eu discordei do seu modo de pensar. Perdoar-me-á a ousadia de responder-lhe, mas quando o coração ri. Vamos formular uma hypothese — O Sr. ama apaixonadamente (não se zangue commigo, que isto é uma hypothese...) uma senhorinha gentil e chic, uma carioca distincta. Mas a sua apaixonada não sabe, ou por outra, o que será mais facil e natural, finge ignorar o seu amor... Ora, o Sr. naturalmente para fazer-se amado affectará a mais completa indifferença, o mais frio despreso, emfim procederá de maneira tal que ella julgará que já não é mais amada por si. E, talvez, nessa hora o seu coração pulse mais que nunca, com grande violencia por essa mesma senhorinha. Diga-me agora:—Não governa a sua voz apaixonada? Já vê que pode governar, em condições especialissimas, o seu coração. E isso porque? simplesmente por um orgulho proprio como acima falei. O coração pode, mesmo nas mais criticas circumstancias, ser governado e muito bem governado. E' um governo especial em que conforme a reg ão sublevada, conforme serão empregados os meios para que se restabeleça a calma que proceda a uma paz duradoura. O coração; fragil batel, muitas vezes, exercito indisciplinado, é sempre, no emtanto, governado, quer proteg do contra as intemperies do tempo (rusgas do amor) quer subjugado pela semente venenosa da indisciplina que é sempre originada por essas ingratidões communs, mas tão indignas do ser humano.

Assim, embora humildemente esclarecidas, espalhadas, as minhas idéas, eu creio que encontrarei partidarias que como eu, ao lerem a pergunta—«Podemos porventura governar o nosso coração?» dirão firmes e convictas: —«Sim! o coração é um fragil instrumento que em qualquer circumstancia, sob qualquer prisma que seja considerado, pode dignamente ser governado».

FRANCESCA BERTINE

A senhorita Olga Lindner de Iracema Gomes — Capital

não podia deixar que o silencio viesse occultar a minha triste opinião, contraria á sua.

Escute-me: «Mesmo que tragamos gravada em caracteres indeleveis, no nosso coração, a imagem de quem se adora, ou tenhamos transformado em vulcão (que pode muitas vezes estar em erupção...) o cerebro, miserando escravo de uma paixão maldicta; embora um peito afflicto solte gemidos lancinantes e a razão seja toldada, poderemos com bastante facilidade governar o nosso coração. Elle será o escravo submisso de uma vontade de ferro que surge do orgulho, mas um orgulho que não destoa em nada, no mais virtuoso coração. Eu direi aqui, como disse num postal meu para ahi enviado, que então se poderá rir e chorar: rir quando o coração chora, chorar

---

Ao distincto Tte. Arlindo da Cunha Menezes

Porque fugiste quando o nosso coração te chamava?! Não sabias já, com antecedencia, que depois de ouvirmos as tuas doces palavras dirigidas a Hesperia mais te amariamos? Porque fugiste? Volta que encontrarás á tua disposição dois juvenis corações. HESPERIA.

—:—

A' O. G. L. (Em resposta)

O amor mysterioso é o mais doce e suave que pode existir. Eu quizera, embora momentaneamente, gosar dessa ventura. Ame-me sempre e com dedicação porque eu lhe serei eternamente grata. Mas não procure saber quem sou porque o seu amor seria destruido, e eu me veria privada dessa doce illusão, eu que as tenho tão amargas...

FRANCESCA BERTINE.

O AMOR

«O amor, o amor que se ama tanto
E' como uma montanha que subimos a cantar...
Que subimos a cantar!... E no entanto
Quando a descemos é sempre a soluçar!»

Eis a montanha além!... o monte santo, a montanha das peregrinações, dos votos, das preces, das promessas ardentes!... Eis a montanha azul... suavemente ella se destaca... nas nuvens!

E' tão alta, tão alta, que para subir e chegar até lá é preciso levar n'alma todas as crenças e todos os ideaes... E' preciso subil-a a mãos dadas, almas unidas... ser dois!

Subil-a cantando!... Cantando juntos a eterna canção que afasta os sustos, os receios, os temores da viagem...

Eil-a! Quem não a conhece? Quem não conhece o monte santo das consagrações do amor?... Do verdadeiro amor, do unico amor, deste que sobe, que sobe muito, enaltecendo os sentimentos, collocando o ideal como pharol luminoso?... Lá em cima tem tanta cousa idealizada! Tantas flores adivinhadas, cujos perfumes desde já sentimos, quando, em meio caminho paramos para depois recomeçar a subida..

E cantamos!

—Mais tarde, quando descemos a encosta, a descida é solitaria... estamos sós! e soluçamos.

Onde está o companheiro de viagem? Mancebo, onde está tua doce companheira?

Voltas sósinho?... Como?... Chóras?... A morte?... a desillusão?... a infidelidade?...

Encontraste em cima da montanha estes venenos?!... Lá onde só pensavas colher flôres por braçadas!...

Ai de nós! E descemos sósinhos, fronte pendida... soluçantes?!

E a montanha azul vae ficando lá para traz, vae fugindo, apagando se por entre nuvens... Poeira de illusões!

«O amor, o amor que se ama tanto
E' como uma montanha que subimos a cantar...
Que subimos a cantar!... E no entanto
Quando a descemos, é sempre a soluçar!»

MARGARIDA.

A senhorita Lincolnina Astréa de Iracema Gomes, distincta cirurgiã-dentista — Capital

EVOCAÇÃO

A' senhorita Estephania

Manso como um cordeirinho a teus pés me curvo, invocando a sublime alma de Paganini.

Extasio-me ante a tangibilidade de teu violino! Penso escutar dos seus accordes, a confissão de teu amor. Quando o vibras, com essa maestria que te é peculiar, sinto que a minh'alma se debruça a teus pés para escutar as sonoras vibrações de teu tangivel coração. Só a elle confessas o que sentes. Abençoado violino, como te invejo a sorte por seres afagado por uma alma de mulher cheia de talento e vocação.

SUSTENIDO

Senhorita Idalina Tavares — Capital

REMINISCENCIAS...

A' Oilitsoh Sevla ed Arievilo:

9 de Outubro de 1912.

Não sei como definir o que sinto na alma quando penso neste saudoso dia.

Esta memoravel data eu guardo em minh'alma como em um relicario sagrado.

Recordas-te ingrato?

Fazem quatro annos que o nosso amôr nasceu.

Foi em Outubro, no aprazivel tempo da primavera, na epoca em que os jardins estão floridos, emfim na quadra mais bella, que Deus nos proporcionou a enorme ventura de nos encontrar-mos pela primeira vez!...

O teu carinhoso sorriso e o teu meigo olhar, fizeram com que se apaixonasse um coração que nunca amou, que jamais sentiu este sentimento que até então ignorava—amôr.

Desde esse aprazivel momento, todos os meus pensamentos se encerram neste amôr... formando os mais deleitosos projectos, os mais risonhos castellos, na esperança de um futuro risonho...

Oh! como me sentia feliz!...

....

....

ERNESTINA.

Campos.

SAUDADE

A ti Isaac

Ha saudade e saudades.

A que maior martyrio nos causa é aquella produzida pela ausencia voluntaria da pessoa a quem dedicamos verdadeiro affecto.

A saudade que nos deixa o afastamento de um ente querido, arrancado pelas garras aduncas da morte, é compensada pela resignação, por se comprehender o impossivel de se rehaver a pessoa querida.

Uma longa viagem causa muita saudade, mas é acompanhada por um lenitivo — a esperança da volta ao ponto da partida e de felizes vivermos com quem estimamos.

O afastamento voluntario dá margem ao desespero, á incerteza e á duvida, tres palavras que bem definidas dariam um poema de dôres.

O soffrimento é maior quando um coração martyrisado chora em silencio, sem poder desabafar a grande magua!

A Saudade é sempre a Saudade.

Rio, 20 — 10 — 916.

AUGUSTA G.

CONFIDENCIA

(A quem me entende)

Ha muito trago no meu peito stricto,
Augusto amor que me percute n'alma,
Que rudemente me consome a calma
E que abafar eu sempre busco—afflicto!

Eu sinto que a nutrir, estou precito,
Esta affeição cruel, que não se acalma,
E que tão forte meu amor ensalma,
Solida assim como qualquer granito!

A causa d'este amor caliginoso,
Que me domina sempre imperioso,
Nem mesmo eu sei oh! Santa em que consiste;

Qual a razão, tambem não sei dizer-te,
Apenas sei que em vão busco esquecer-te
E em adorar-te o coração persiste!

Rio, XXI—XI—MCMXVI.

A. da Silveira Bulcão

SONHO DE OURO

A' ti que talvez me comprehendas

Tu passaste por mim como sons de violino,
A fugir e a vibrar numa argentea risada,
Como a nuvem que corre no céo matutino,
A tremer, pelos raios do sol matizada.

Tu passaste por mim como um sonho opalino
Que deslumbra e se esvae para as terras do Nada,
E a minh'alma quedou-se a scismar, extasiada,
Nesse raio de luz estonteante e divino.

Tu passaste e eu te amei. Em meu peito, risonho,
Este amor que nasceu na inconsciencia de um sonho
Cada vez mais augmenta e se quer arraigar.

—Tu que tens no sorriso uma força imperiosa,
Deste enlevo em que vivo, a sorrir, venturosa,
Dá-me, ao som de tua voz, um feliz despertar!

Yára de Almeida

DIVAGANDO

Dedicado á Maria Luiza de Carvalho.
Petropolis

Socega coração! recalca fundo
O despertar de antigas fantasias.
Não mais lembres as dores que sentias,
Dores provindas d'esse amor profundo!

Só porque a viste, tu, que eras jocundo,
Assomas pleno de melancolias;
Ri como outr'ora, como quando a vias,
Deixa de parte o preconceito, o mundo!

Sabes dormindo ou acordado ainda
O outro amor afagado dia a dia?
Se esquecido pr'a sempre ou se não finda?

E pulsando mais forte o coração,
Não ouvir, satisfeito, parecia,
Os conselhos sensatos da razão.

Alvaro Pereira Sarmento

FUGAZ APPARIÇÃO

Loira, tão loira como a Aurora, um dia
ao geito de uma Santa Apparecida,
porque a Vida me fôra uma agonia
Ella surgiu-me na manhã da Vida!

Mas, tal como a Chimera, inattingida,
essa Visão formosa e fugidia
mal divisei fugiu-me diminuida
como foge uma vela na bahia!

Foi-se... Não mais a vi. Levou comsigo
o unico fluido que me dava a vida,
a unica vida que viveu commigo!

Data de então minha infeliz Saudade
por essa Aurora desapparecida
no levante de minha mocidade!

Francisco Ricardo.

TEU ANNIVERSARIO

(A quem sabe)

E' hoje, eu sei, o dia abençoado
Em que vieste sorridente, ao mundo;
Não pódes calcular ó anjo amado,
O prazer que me invade tão profundo!

Fosse agora meu éstro bem fecundo
E eu diria de ti, anjo adorado,
Tudo que sinto palpitar no fundo
Deste peito tão pobre e apaixonado.

Que poderei eu dar-te n'este dia?
Tristezas, Amarguras, Nostalgia?
Tudo o que tenho dentro do meu peito?

Das dores faço pois, um ramalhete,
E transformo-as em flores pr'a o banquete
Do teu Natal, meu doce amor eleito!

Ramedlo

MOTE—Espera ao menos que amanheça o dia!—Ziza

GLOSA

—E' cedo ainda... A festa está tão boa.
—Não te vás... Vem walsar. Estão tocando.
E risonho e gentil eu vou ficando,
Ouvindo o canto que tão bem entoa.

A seu lado, porem o tempo vôa.
—Meia noite—o relogio está soando.
Quero sahir, ella me diz, fitando:
—E' cedo ainda... A festa está tão bôa!

Uma... duas... tres horas. Madrugada!
Eu mostrava minha alma apaixonada!
E contente e feliz ella sorria.

Uma hora mais. Despeço-me e sahindo
A' despedida ella me diz, sorrindo:
—Espera ao menos que amanheça o dia!

Rio, 1916.

De Castro e Silva

LOUCO!

Ao Julio (Julinho)

Dezeseis primaveras.

Atirado pelas trevas da loucura entre quatro paredes negras e soturnas, passas desventuradamente a tua mocidade.

Nasceste qual flôr tremulante á bórda de um abysmo, onde mais tarde havia de esbater-se o teu cerebro, que poderia ter sido uma estrella de peregrino fulgor, irradiando no horizonte azul da existencia.

Emballados juntos, nos nossos primeiros annos, pelas nossas mamãs, tinhamos sempre um sorriso para mimosearmos tudo.

Crescemos; tudo nos sorria, cada dia que se passava era uma promessa de ventura.

Tempos depois tuas idéas revoltavam-se no cerebro e te roubavam ao meu amor fraternal.

Respiras ahi um ambiente mephitico, emquanto aqui fóra tudo é saturado pelo aroma das flôres; só ouves os lamentos dos companheiros da tua desventura e eu ouço o chilrear alegre do passaredo, o murmurar do regato e a voz das nossas mamãesinhas.

E's da minha idade e no emtanto pareces uma creancinha, teus olhos vitreos têm as scintillações dos inconscientes, nos teus labios paira um sorriso doce e triste que corta os corações de pedra.

E emquanto aqui tudo é harmonia tudo passas ahi como num sepulchro a tua juventude.

Pelo teu espirito envolvido na noite da loucura não perpassa a minha imagem fugidia, mas eu pranteio a ausencia de ti, a quem amo como irmão.

E assim se passa a tua mocidade, entre os soluços dilacerantes dos desgraçados como tu.

ROSA RUBRA.

"A FACEIRA"

Temos sobre a mesa o numero 49 dessa querida e bem feita revista que tem á sua frente o nosso companheiro dr. Deoclydes de Carvalho.

Tem boa collaboração litteraria e bellissimas poesias de poetas conhecidos.

Agradecemos.

PERFIL MIMOSO

Vamos esboçar ligeiramente o perfil do mimoso cravo das moças O. C.

Baixo, moreno, olhos pequenos e vivos. Na apparencia, um rapaz delicadissimo, tem no emtanto muitos «dotes» que o prejudicam. Violento em extremo para resistir ás paixões do coração, elle não se importa de amar, embora momentaneamente, a centenas de moças, desde que lhe firam a razão, e mesmo que todas se dêem.

Assim é que o distincto estudante (pois o nosso perfilado está no curso de odontologia) não trepidou em namorar ao mesmo tempo duas senhoritas que se davam e eram vizinhas. Emfim, como são conhecidas as suas gloriosas façanhas, já perdeu uma de suas apaixonadas; creio que foi este o motivo da separação de ambos, pois não tenho grandes relações com elles.

O distincto O. C., que sabe empregar phrases delicadissimas em suas agradaveis palestras, deve no emtanto conceder aposentadoria a essas botinas, porque já se está tornando conhecido por ellas, que tanto desfeiam os seus mimosos pesinhos... Pois já não concedeu a um terno o favor que lhe supplicam as botinas?

Não fale tanto na sua ex-noiva... não se metta tanto em barulhos que isto é muito feio, mórmente para um rapaz que se diz tão serio.

Reside o nosso perfilado á rua Taylor.

Já sei que vae se zangar muito commigo e que o meu nome de amiguinha sahirá de sua bocca entre mil imprecações, como um terrivel veneno que a pulso o queiram fazer ingerir.

30 — 11 — 1916.

MLLE. ROBINNE (A Franceza).

O orgulho e a inveja

O teu coração, creado por Deus para o bem, só dá abrigo ao orgulho e á inveja.

Detém os teus passos e consulta com attenção a tua consciencia; ella te dirá os erros que tens praticado, ajudado por estes companheiros que te perseguem e dominam, sem cessar.

A inveja te mata e o orgulho te cega. Esta é a pedra fundamental onde se baseiam todos os teus vicios.

De que te orgulhas? Dos teus olhos que despedem raios vulcanicos de inveja ou do teu corpo que, mais tarde, apodrecido, se transformará em vermes asquerosos e depois em pó? Então, despojado deste envolucro que a terra te emprestou, o teu espirito, subindo ao espaço, verá a bondade e omnipotencia de Deus, que jamais plantou em seu coração estas arvores pestiferas que se arraigam no teu.

E's um louco ao pensar, talvez, ser melhor que qualquer outro ente humano. A um homem de côr negas a tua dextra, julgando ser a elle superior.

Quanto engano, meu Deus! — Muitas vezes num corpo negro se occulta uma alma nobre e um coração puro. —

A natureza nos ensina a combater o orgulho.

Não vês o sol com os seus raios auriferos illuminar o rico e o pobre, o bom e o mau? O mar, beijando as praias limpidas de alvas areias e as costas embrutecidas de pedras e de lôdo?

O que invejas?

O ouro, irmão do vicio, causador das miserias humanas?

Se o tivesses não gastarias em obras puras e sim em luxos e grandezas.

Transforma os teus vicios em caridade. Onde houver lagrimas, enxuga; onde houver dôres, mitiga e vê tu a que altura subirás, vê em que contentamento irradiará o teu espirito, pois é grande a satisfação que sentimos ao construir, atomo por atomo, o pedestal da nossa redempção.

Cura esta lepra que rôe o teu coração; mata-a com o orvalho da caridade, e mais tarde, no seio de Deus, verás quanto foi facil a reparação das tuas faltas comparadas com o socego que então gosarás...

Capital, 26 — 10 — 916.

NOELIA C. MACHADO BASTOS.
(Noelina)

Alma em Prantos

A' quem eu amo

Na linha alcantilada do horisonte começam a apparecer os primeiros albores da fresca madrugada!

Ouve-se ao longe a maviosa orchestra da passarada saudando com alegria a princeza universal.

As flores rescendendo perfumes embriagadores erguem vaidosas a gentil corólla, na christalisação sublime do primeiro rocio. Toda natureza desperta envolta n'um immenso manto, marchetado de cristalinas gottas de orvalho,—lagrimas das noites sobre o tumulo do tempo. Alem, nos altos cerros surge Apóllo venturoso no seu carro de ouro e fogo, espancando impavido as trevas de uma noite ligeira, e a natureza em festa, applaude Apollo, no delirio empyrico de sua apotheose divina!

E' dia!...

E no emtanto, dentro de meu pobre peito, continúa a estender-se infindamente longa e tenebrosa, a noite triste da Descrença. Não mais fulgura em minh'alma os raios ardentes do teu attrahente olhar; não mais sôa em meus ouvidos as santas juras de amor, arma terrivel e traiçoeira com que me assassinaste o coração, arremessando-o no profundo oceano da desillusão. E as lagrimas vertidas do fundo desta alma afflicta, queimam as rosas da minha desventurada juventude e perdem-se na immensidão do meu penar...

E sem amor, sem esperanças, sem um peito amigo, açoitado continuamente pelo «simoun» da desgraça, contemplo extatico o despertar da natureza, esperando a cada instante surgir no tetrico abysmo do meu amargo destino, esta outra aurora bemdita que impavida espancaria de minh'alma a treva immensa do meu inaudito soffrer... A aurora da eternidade!

JACINTHO PAIXÃO

Bordo do «C. Bahia».

VIVER

(A' quem mais estimo)

Viver!? podemos com acerto dizer o que é viver?

Considerando a nossa vida quotidiana e transitoria, cada minuto, cada instante, é um thesouro, sendo tambem um cataclysma.

Goethe exprimiu tudo quando nos disse que deviamos «viver para a Vida.»

Assim, devemos nos precipitar no turbilhão da vida sem quedarmos o olhar, seguindo com o Mundo, na sua carreira infernal e terrivel sem nos amedrontar com a sua carranca sinistra.

Devemos cumprir a nossa sina — viver — com a fleugma ingleza, com a indifferença do rio que leva as suas aguas sem saber para onde vae.

Nem um momento o cascalho, o pedregulho das margens se affastam para que passem, sem damno, as ondas ageis; dilaceram-lhe o molle dorso plastico, rasgando-lhe as entranhas limpidas e fecundas.

Viver da Natureza e para Ella viver; quando amanhece o dia fresco e suave, quando o sol rompe a neblina e se espalha sobre a cidade; quando n'uma alegria matinal a arvore parece que canta ao sussurro mavioso das frondes, docemente embaladas e illuminadas; quando a passarada gorgeia; quando a flor desabrocha; quando a lua apparece!

Viver! tendo em vista o Lar, a Familia, o aconchego, o carinho, a paz, a saude e o trabalho; viver! com a religião do sol, da belleza e da harmonia; movimentamo-nos na atmosphera serena do Bem e da Liberdade — vêr — sentir — admirar o bello e o horrivel; sentir a alma limpa e transparente, sem a sombra do remorso, sentir, em summa, que amamos e somos amados — eis o que é para mim — viver.

Gloria Rodrigues.

O BAILE

Era esperada com relativa impaciencia a hora em que principiaria o baile em casa do barão de Souza Marques.

Nas circumvisinhanças de sua faustosa residencia murmurava-se contra o luxo que precedia tal baile; emquanto que os lacaios e criados, num vae e vem continuo, davam cumprimento ás ordens recebidas.

O barão, que era prodigo em suas despezas, tudo fazia para que mais attrahente se tornasse a festa, que por mais de uma vez fizera quedar-se, ante tal magnificencia, a rica nobreza que frequentava seus salões.

A decoração do salão havia sido feita com esmero e fino gosto, as cortinas de côr azul celeste franjadas de ouro cahiam sobre as janellas, como que velando a sala aos olhares da multidão avida de novas.

A's oito horas da noite começaram a chegar os convidados, ostentando as damas que os acompanhavam finissimas e custosas toilettes.

A's onze horas da noite foi dado inicio ás danças, com grande contentamento da parte das graciosas senhoritas, que desde logo se entregaram aos inebriamentos que a arte de Terpsichore produz.

A animação crescia com a chegada de novos convidados.

Eram senhoras e senhoritas pertencentes ás mais conceituadas familias da cidade, que vinham com suas presenças prestar homenagem ao organizador de tão encantadora festa.

Na rua, num borborinho constante, o povo se apertava, disputando cada um a primazia de bem se collocar para mais tarde poder contar o que vira.

As duas horas da manhã foi servida finissima ceia, depois da qual continuaram as danças, que se prolongaram até ao amanhecer.

Arnaud Rodriguez.

DICCIONARIO

A' Balbina.

Mãe — Ente verdadeiro e immaculado que devemos prezar com grande ardor.

Ciume — Amigo falso e renegado do coração que soffre pelo amor.

José Fiusa

Quereis descobrir alguma coiza occulta?

Deveis procurar presentir os artigos da «moda do amanhán, as coizas que vos darão lucro, ter em summa os elementos de adivinhação. Com o auxilio do **Sensivomero** descobrireis os negocios que darão fortuna; os numeros da sorte a tirar na loteria ou no jogo; as pessoas com as quaes sereis feliz em tranzacções, os autores de roubos ou crimes; os logares onde se acham os objectos perdidos, as minas de ouro ou outros mineraes; as nascentes de agua; as traições de marido, mulher, socio ou empregado; as pessoas que, sob a aparencia de amizade, procuram enganar; os comerciantes aos quaes não deveis vender a crédito porque tendem á falencia; as vagas de pessoal nas emprezas ou firmas comerciaes; as pessoas dignas para cazamento ou cargos de confiança. Comprehende-se todas estas possibilidades, porque o uzo do **Sensivomero** faz desenvolver uma especie de somnambulismo lúcido, por meio do qual podeis tambem descobrir as molestias e os remedios a empregar. Nas instrucções que acompanham o **Sensivomero** acha-se tudo quanto *vos convém* para obterdes éxito sobretudo em curas.

Remete-se promptamente o **Sensivomero** em registrado pelo correio, com tudo que é necessario, a quem enviar sua importancia — **TRINTA MIL REIS** — em vale postal a

MILTON & C. - *Caixa postal 1734* - Capital Federal

As pessoas rszidentes na Capital Federal enconerarão este apparelho pelo mesmo preço na **CAZA DIXIE, á rua do Rozario 147.**

As Pastilhas do Poder Magnetico

Fórmula secreta do INSTITUTO OCCULTISTA DE LONDRES, adoptada desde a antiguidade no Himalaya, sempre com grande successo, para somnambulismo, hypnotismo, transmissão mental do pensamento, clarividencia, adivinhação do futuro, evocação de espiritos, germinação rápida de plantas, influencia occulta sobre outrem por envotamento, e mais maravilhas que dão superioridade ao verdadeiro *Iniciado.* Estas pastilhas produzem boa força occulta para atrahir, de um modo natural e sem que alguem o suspeite, tudo quanto se póssa dezejar pelo pensamento: *fortuna, boa pozição social, felicidade no matrimonio, cura psychica de qualquer molestia, ou tudo mais que se dezeje.* A seu respeito lê-se num importante tratado de OCCULTISMO: «Conheço uma substancia que, administrada a uma pessôa de dispozições pouca benevolas, pode pol-a á vossa dispozição, a ponto de amar-vos ardentemente ou odiar-vos com o mesmo ardor, se isto vos convier. Podereis aproveitar-vos do seu estado para sugerir-lhe uma idéa contrária á sua tranquilidade, ás suas afeições e aos seus interesses, ou para conceder-lhe os gózos que ella póssa dezejar. Que seja mulher virgem ou não, velha ou joven, podereis ser para ella *o que quizerdes ser*, isto é, obter o abandono da sua personalidade e da sua liberdade de exame em proveito das vossas paixões.» Estas pastilhas são inofensivas á saude, e tornam-se necessarias não só aos que dezejam conservar sua saude, mas tambem aos esgotados de força viril, aos velhos, aos doentes e ás creanças, pois a todos enche com as forças da juventude. *Preço de cada caixa, que se remeterá disfarçadamente em registrado pelo correio com todas as instrucções em impresso:* VINTE MIL REIS; quantia esta que deverá ser enviada em vale do correio a **MILTON & C. Caixa postal n. 1734, Rio de Janeiro.** A pessoa que fizer o pedido deve, na sua carta, declarar: *Que se compromete a não uzar d'estas pastilhas para prejudicar a quem quer que seja.*» Os prospectos são gratis para os que derem endereços de outros.

A PRINCEZA DE CECILIA

(Amar em vida e em morte)

José de Roure *(Traducção de Vagam)*

Adormecido no caramanchão do jardim, que cobria espessa madresilva e floridos rosaes sylvestres em apertada rêde, foi ahi que ouvi de prompto um ruido como o de folhas bruscamente afastadas e appareceu, ante meus somnolentos olhos, um homemzinho barbado que estirando-se muito, podia chegar a meus joelhos. Era um anão que vinha talvez de dormir a sésta no caramanchão, de matar sua sede com as gottas do orvalho, cuidadosamente guardadas no calice de uma rosa. Olhou-me assustado, e eu o saudei, sorrindo. Em breve ficamos amigos, e com a sua vozinha doce me contou a historia que vou descrever, e que, como eu, ouviram uns passaros posados na ramagem da madresilva, e duas mariposas brancas, que voltejavam dentro do caramanchão como dois cópos de neve esquecidos pelo inverno naquella grata e perenne frescura. Sejam os passaros e as mariposas testemunhas de que o anão me contou o seguinte :

—A Princeza Helena de Cecilia era uma moça encantadora e feliz que se ria sempre ; nunca tinha amado.

O riso, brincando em seus labios, alegrava os austeros salões do palacio do rei da Cecilia e fingia, no reflexo dos grandes espelhos que ornamentavam suas paredes, rapidos incendios, conforme os eccos das gargalhadas reflectiam nos limpidos crystaes.

Jamais sentira a venturosa princeza essa vaga melancolia que penetra no coração e que chamamos amôr ; essa suprema delicia que engrandece nossas almas com horizontes de sonhos e as constrange com a angustia de ideaes irrealisaveis.

Essa inquietude, emfim, plena de lagrimas que faz melhores os bons, grandes os pequenos, homens os anões, deuses os homens.

Conheci a princeza Helena nos jardins do palacio, nos quaes costumava eu sahir das nossas fabricas subterraneas pela occulta abertura de uma fonte, e, desde o primeiro dia que a vi, entretida em alegres brinquedos, com as suas companheiras, jurou que o sol reflectia mais em meus olhos.

Formosa, elegante, rindo-se sempre, passou na minha frente, acompanhada de suas amigas, como a imagem da juventude, que foge, e, ao apoiarme desvanecido na haste de uma roseira, os espinhos me encheram as mãos de sangue, e senti mais internamente as picadas.

Outra tarde ouvia-a cantar alegres canções, acompanhada por suas damas, que tangiam doces instrumentos, e as alegres notas de sua voz de ouro, me arrancavam lagrimas aos olhos ; e aquella noite me consolaram, chorando commigo, os rouxinoes.

Esqueci as fabricas subterraneas de meus irmãos, onde lavravamos habilmente ricos metaes desconhecidos pelos homens, e nelles engranzamos pedras preciosas crystalisadas ao primeiro frio pue sentiu as entranhas da terra, e vivi prisioneiro daquelles jardins immensamente cercados pelos meus sonhos, triste e ditoso ao mesmo tempo como todos os que amam.

Porem, ai de mim! Um dia ouvi dizer á dama da princeza que o rei, seu pae, havia decidido casal-a para felicidade de seus Estados e persistencia de seu throno.

A augusta herdeira da Cecilia tinha resistido ao desejo paterno, assegurando, como era bem certo, que não amava a ninguem ; mas cedendo ás razões de estado com que o obrigava, o rei, respondeu, segundo referiam as damas : «Pois bem, serei a esposa do homem que me ganhar»; que se annuncie dentro de um anno, um torneio em nossa côrte, e o cavalheiro que vencer a todos os outros, será meu esposo.

Depois de ouvir isto corri desolado para a abertura da fonte, e fugi aos nossos dominios subterraneos, murmurando tristemente : «O homem que a ganhe !» E eu não sou um homem, sou um anão !

Minha pequenez ridicula, meu corpo anão, pesavam-me, como se toda a criação se apoiara nestes minguados hombros. Foi correndo rapidamente o tempo, chegou o dia do torneio, que arautos e embaixadores tinham annunciado por toda a christandade.

Na côrte do rei da Cecilia, anciosos de empunhar as armas para conquistar a mão e o coração da encantadora princeza Helena, brilhavam o herculeo principe Rodrigo de Aragão, a quem, de antemão, assignalavam todo o triumpho.

Hugo de Fox, tão destro em lutas como em fazer versos ; Alberto da Lancaster, chamado gigante de ouro por sua estatura colossal e sua loira cabelleira, o garboso Duque de Milão e outros tantos principes esforçados, todos jovens, todos formosos, todos filhos de rei.

A princeza Helena, porem, conversava alegremente com elles, sem que o riso se apagasse dos seus labios, porque a ninguem amava.

Procurou-se o campo para o torneio em um extenso prado proximo dos jardins do palacio, construiu-se uma esplendida tribuna para o rei e sua filha que, sentados em amplo e rico throno, cercados por toda a corte, viram desfilar a brilhante cohórte dos cavalleiros, promptos a disputar o alto premio da liça. A princeza os conhecia por suas armaduras e os nomeava mentalmente quando iam passando pela tribuna real, sem que o alegre sorriso desmaiasse em seus labios coralinos.

Quando já se não esperava, porem, mais ninguem, appareceu no campo de torneio um cavalleiro com scintillante armadura de um metal, que deslumbrava, tendo por ginete um fogoso cavallo branco, que salpicava sua propria brancura com a espuma arrojada de sua bocca. A princeza olhava fito o mysterioso cavalleiro cujo nome e cuja patria ignorava e, emquanto alegre sorriso desapparecia de seus labios, dava a vida e o throno para poder contemplar aquelle rosto que a vizeira occultava.

(Continúa)

Recordando...

A Eiter de Souza

Fôra por um domingo de sol claro, (quanto me lembro!) tal como este, querido Eiter, de outomno, suave, macio, em que cada fremito de luz, convidava os crentes a uma oração á Santa virgem, que tu olhando-me dentro dos olhos com uma expressão de irresistivel carinho, me convidaste a que fossemos contemplar o mar na praia maravilhosa do Icarahy. Acceitei. Nenhuma outra praia tinha para o meu desolado coração o encanto e o suavissimo socego desse manso talude á beira mar.

Ali, as ondas placidas e cançadas, rojam-se impotentes, por sobre as brancas penedias e por sobre a orla alva das areias. E' no choro agoniado das aguas que o coração encontra a paz. E' proximo do mar e do seu rulo eterno, que todas as dores arrefecem, numa calmaria dulcissima. Emfim, é o mar a mais sublime creação da natureza.

Partimos para Icarahy. Lá chegando, ficámos por espaço de um quarto de hora num silencio profundo, mudos completamente; o que nossos labios não queriam dizer, diziam lucidamente os nossos olhos... tal era a belleza do mar ali!

Depois com as mãos dadas, começamos a colher conchinhas, a gracejar, a correr, emfim brincamos como se estivessemos na quadra florida da infancia, naquelle dia em que juraste amar me eternamente!...

Quando resolvemos voltar, já era tarde. Vesper vinha descendo das alcandoradas serras e Diana, a rainha da noite surgia detraz de um monte derramando uma azulada cinza sobre as folhagens das murtas e illuminando o céo, qual nadadora surgida de um mar tenebroso.

Oh! Como triste me recordo daquelle dia em que em extase ouvi a confissão de amor, que me fizeste!

Me fallavas tão docemente que senti, juro-te, transportar-me para o reino dos céos, onde só o Prazer e o Amor habitam. Tudo, porem, passou e olvidaste me depressa! Todas as palavras que me disseste e que jamais olvidarei, eu as repito todos os domingos as mesmas horas daquelle domingo de sol claro em que julguei ser feliz eternamente, porem, tudo aquillo que sonhei, foi uma pura illusão, uma doce phantasia! Hoje, que não existe mais nada do nosso amor, eu vivo mui tristemente recordando e vivendo do passado...

LITA

Nictheroy—15—8—916.

A' inesquecivel Maria Ferreira

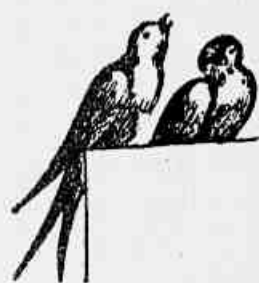
Não posso, amiga, explicar-te por simples linhas a alegria que se apoderou de meu ser, ao ver que já tinha encontrado neste mundo enganador um ente que com suas palavras podesse suavisar a cruciante dôr que dilacera o meu fragil coração.

O postal que dignaste responder-me foi para mim como é o raiar de uma alvorada alegre e de um dia de sol para os passarinhos que deixando seus ninhos altaneiros vêm saudar o arrebol, soltando maviosos trinados.

Separa-nos, querida, leguas e leguas, porém, nosso pensamento, cicatrizado pela mais dura ingratidão, estará sempre unido! não? Oh! vem dizer mais uma vez que me amas!

Vem dizer-me que seremos eternamente amigas, e o laço que prende nossos corações, jámais o tempo conseguirá desfazer.

Rio, 9 de Novembro de 1916.

ZILDA NEVES MORGADO.

BILHETES POSTAES

Ao A. da Veiga Cabral:

Si tu podesses ouvir os queixumes de minh'alma; ver os meus olhos humedecidos e saudosos por ti... quantas juras e lagrimas e mentiras eu teria dito!

GENNY CAMARA

—:—

A' minha meiga mãezinha.

Pharol brilhante que me guia na estrada da vida, luz bendicta de Deus!

VESTAL

—:—

Ao jovem Manoelo.

Fé, magnifico balsamo que nos gotteja n'alma, quando aos pés da cruz oramos com fervor a Deus.

(S. Christovam) UMA ENTENDIDA

—:—

A' Corina Lopes.

Tu és para mim o que o orvalho é para as flôres e o sol para as plantas, sou bastante feliz; pois vivo na esperança de gosar de teu puro e sincero amor.

DE SOUZA MARTINS

—:—

Julgam-me feliz por trazer nos labios um firme sorriso, mas este riso immutavel é um triste veu diaphano com que emmoldura as amarguras de um amor sagrado e já desfeito: — o amor paterno:

WALKYRIA MATTOS BRAGA

—:—

A Leonor Ferreira.

Assim como o passaro engaiolado fica triste por não poder obter a liberdade, assim fico eu por não poder obter o teu amor.

(Bangú) CARMOSINA ROSA

—:—

A' Guiomar Lino da Costa.

Quando votamos a um ente o mais puro e sincero amor, podemos esperar em recompensa o golpe fatal da «ingratidão».

Bangú, 15—11—1916.

CARMOSINA ROSA

—:—

Ao jovem Antonio Barbosa.

Assim como a vaga impetuosa vai se quebrar numa cousa tão insignificante — que é um grão de areia — assim a tua amizade batendo de encontro a uma couza tão fragil dissipou-se.

ESTRELLA SCINTILLANTE

—:—

Para a gentil e galante senhorita M. P. C.

Amo-te e sou feliz, porque ainda não fui attingido pela venenosa setta — o ciume.

GARIBALDI BRICCI

Cidade do E. Santo, 21-11-1916.

A ti:

Tão longe de ti; soffro a dor acerba de uma saudade intensa e sincera, que só terei allivio quando de novo sentir-te ao meu lado.

HAYDÉE BRANDI

—:—

Ao Armando ingrato:

Para que és tão cruel?

Porque é, que me abandonas com esta absoluta calma, que me tratas com tamanha indifferença?

Porque escarneces de meu pusillanime coração que só anhela o teu amor? Não!

Oh! Não calculas como este teu desprezo me arremessa ao tenebroso mar das angustias, á nefasta voragem das ancias...

Não! Não imaginas, ingrato, como a tua indifferença definha pouco a pouco a minha transida vida, estirpa a minha pobre alma exhausta de soffrer...

Oh! Triste destino, malefica sorte!

EROTICA

—:—

A quem entender.

Não é a elegancia exterior da mulher, os enfeites e pinturas que a embellezam, que elevam-na ao ponto culminante da felicidade, e sim, a interior, aquella que se manifesta pela pureza d'alma e bons sentimentos.

NISIA

—:—

AO SEXO FRAGIL (respondendo a Mlle. Paulina).

A hypocrisia, a falsidade e a mentira são as tres armas predilectas do homem....... que germinam mais profundamente arraigadas no coração de todas as gentilissimas descendentes de Eva.

CLEMENTE

—:—

A' Sylvia (S. Christovam).

E' neste momento Crepuscular, em que vagarozamente a doce harmonia de um flauta ao longe, vem-me despertar do lethargo da dôr, que tua ingratidão me fará captivo pára sempre; que sinto terem passado, (como o relampejar) aos instantes fagueiros de meu amor, e quedo-me contemplando, o accaso que morre, com os ultimos raias do Sol poente, assim como fenecerem para sempre ás minhas esperanças.

RAUL D'ALBUQUERQUE

Villa Militar, 16—11—916.

—:—

A quem me comprehende

A ingratidão é uma dor tão forte e aguda, que, se nos espetasse em nosso coração a afiada ponta de um punhal não sentiriamos tanto!

MAGDA.

FLOR DO PALCO

A uma artista

Já botou no chinello muita artista
Uma estreante, embora, ainda seja.
Lindo porte ella tem, e na «revista»
Impõe-se e vae além do que se almeja.
A graça natural com que ella canta,

Mórmente, quando, numa «Caxangá»
Agrada mui, seduz, captiva e encanta
Representar tão bem, bem poucas ha,
Tem nome feito e, dentre as brasileiras,
Inda nenhuma, assim, jamais subiu.
N'«A ultima do Dudú», do Pederneiras,
Seu valor fez da peça o que se viu.

Rio 24-2 916

PAULO NOGUEIRA.

—:—

Ao meu S.

Felicidade! Só encontrarei nos teus braços quando elles me estreitarem contra teu coração.

VESTAL.

—:—

A' Nancy

Longe de todo murmurio campestre, das tuas fallas: eu me lembro de ti, dos teus sorrisos.

GENNY CAMARA.

—:—

A' minha irmã Laurinha

O teu coração de criança, é a linda flôr, cujo perfume è a innocencia.

ALICE MARIA PEREIRA.

—:—

Ao irmão Attico Araujo

E's muito feliz; porque a joven que amas tem por ti uma amizade sincera, e é digna do teu amor.

ALBERTINA DE ARAUJO.

—:—

Á E. S.

A saudade é como que uma setta d'oiro transpassando o coração.

SAPHYRA

—:—

A' mui intelligente
Juracy Renato Lopes

Quando apoz um viver de flores, uma felicidade inaudita, vemos como por encanto, tudo desapparecer, a saudade, a companheira desses momentos afflictivos vem involver-nos com seu manto de indiziveis torturas e suaves emoções...

FLEUR D'ORANGER.

A' dedicada amiga Isaura E.

Nada ha mais sublime e bello que encontrar-se afago no coração meigo de uma sincera amiga como em ti tenho encontrado.

Sempre tua amiga

LAURA.

—:—

A quem amo.

Amo-te amo-te tanto, que a vida para mim, sem ti, seria um verdadeiro martyrio. Apezar do soffrer insano, da vida amargurada que passo, não desanimarei. Quero ver-te sempre heroico, terás em mim, uma defensora perpetua e um amor sincero.

DJANIRA VASCONCELLOS

—:—

A quem amo.

Que delicioso encanto deu Deus aos olhos de quem ama!

MLLE. X.

—:—

Ingratidão! Agudo punhal que sem commiseração arremeçaste no amago do meu estiolado peito, fazendo-o derramar em catadupas, sinceras lagrimas de intraduzivel dor.

LILINHA

—:—

A' amiguinha.

Quando o céo unir-se á terra, ficarei sabendo que existe amôr no coração da amiguinha Helena Frambach.

OLINDA P.

—:—

Ao Carlinhos.

Minhas illusões vão-se a pouco a pouco fenecendo. A flor azul da esperança creio finar-se-á em breve. Emfim...

MARIETTA.

—:—

Feliz seria se ouvisse a tua meiga voz.

O "TRISTE"

—:—

A minha melhor amiga.

A saudade, como as manhães sem luz e o crepuscular das tardes, impressiona os olhos, martyrisando a alma!...

MAGNOLIA TRISTE

—:—

Ao Fernando Schineider

A saudade é a palavra mais sentimental que pode pronunciar um coração apaixonado.

AURELIA

Jockey-Club.

A quem comprehender.
O amor primeiro jamais será esquecido.
OLINDA.

—:—

Ás vezes, o silencio encerra um prazer futuro, não achas?
Campo Grande A. B.

—:—

A' AMIGA OLGA SANTOS

O amor é como o jogo: principia com fumo (suspiros, desejos, declarações e juramentos), atêa chammas, (zelos), termina em cinzas, (fastio, desengano e esquecimento).
CARMOSINA ROSA.

—:—

AMEI! A ti...

Amei as flôres!... não passava um dia
Que eu não fosse ao jardim para colhel-as;
Achava-as tão perfumadas e tão bellas,
Que si não as via, logo entristecia

Amei os passarinhos!... que alegria
Sentia ao vel-os, celeres voando,
Tocando quasi o céu, depois voltando,
Saudando a triste tarde ou o bello dia.

Amei tambem a musica e a poesia!
Amei a lua, a estrella fulgidia,
Amei a borboleta multicôr?

Nada disso porém, eu amo agora!
Deprezo muito o que adorei outr'ora
Para amar so ati oh! meu amôr!
FLORA TOSCA (a tr'ste)

—:—

A' Ella

Não ha lenitivo no mundo para quem ama verdadeiramente, para quem arrasta todos os soffrimentos de um amor incomprehendido, para quem durante muitos annos alimenta a doce esperança de ver realisados os seus sonhos de felicidade e depois sente-se o desanimo perpassar-lhe n'alma e a descrença gritar-lhe bem alto: E' impossivel.
DIDINHO
S. Christovão.

—:—

A quem eu sei.
Radiante e linda tu és a estrella scintillante que á fulgir me illumina o caminho da ventura.
AGENORA FIUZA

Ao F. Ricardo
O fingimento de que é dotado teu coração só póde convencer os corações ingenuos e simples; mas quem te souber estudar, depressa se desilludirá, pois comprenderá que o que dizes, são méras fantasias de poeta.
MISS DISBELIEVER

—:—

A' amiguinha Adelia Ribeiro
Quantas vezes só, queridinha amiga, penso em ti e sinto um prazer immenso, e ahi peço a Deus para conservar a nossa amizade eternamente.
ALICE MARIA PEREIRA

—:—

Ao Chiquinho Brandão.
Deus fez do mundo a robustez geradora de tudo quanto é bello e sublime e da tua alma generosa o ninho das mais bellas virtudes de que se pode orgulhar o genero humano: — intelligencia, nobreza de sentimentos e virtude de coração.
WALKYRIA BRAGA

—:—

POR TE OLHAR
A' senhorita C. S. A.

Embora seja a vida um pesadello
Momentos de ventura hei possuido,
Quando fito enlevado o teu cabello
E de tua face o rubro colorido.
Quando escuto a dolencia do teu canto
De mysticos cantares entoado;
Quando sinto em min'alma doce encanto
Que me produz teu ser alcandorado;
Quando poisas teus olhos tentadores
Nos meus olhos por ti apaixonados,
Remindo de meu peito os dissabores
Por cruentes ciúmes motivados:
Sinto o fresco favonio da bonança
Afagar os meus sonhos de esperança.
Piedade — 14/11/916
IVAN.

A' Beatriz Falcão

Assim como os passaros têm nas arvores amigas um pouso para seu descanso, tu tens em meu coração um abrigo para o teu amor.

A. MONTEIRO

—:—

A Cotinha

Perdido em minha solidão, rebusco atravéz dos sentimentos de minha alma, o motivo pelo qual sou por vós desprezado.

A. MONTEIRO.

—:—

A' talentosa Alice de Almeida

Apreciei sempre Alice, até hoje, os teus bellos escriptos que ornam as paginas do querido «Jornal das Moças», mas nunca imaginei que estava admirando excellentes trabalhos de uma ex-collega e boa amiguinha.

Talvez não te lembres mais desta que te dirige estas linhas, e que outr'ora era tua companheira de classe. Quero um dia estar comtigo, Alice, para, juntas, lembrarmos do nosso tempo de infancia!

Perdoa esta amiguinha e ex-collega que tanta liberdade toma.

Adeus! Não te esqueças nunca desta amiga que mais tarde saberás quem é.

Abraça-te

THEDA BARA.

A' E. S.

A caridade eleva o espirito diante de Deus, como a cruz elevou o pallido Rabbi de Nazareth perante os homens.

SAPHIRA

—:—

A's duas morenas—Nictheroy

Assim como as flores necessitam do orvalho, assim meu coração necessita dos vossos carinhos.

GEZA

A' quem me comprehende

Quando meu coração ainda virgem, foi bafejado pelas diaphanas azas de Cupido, senti todo meu ser elevar-se, e minh'alma cheia de illusões transportar-se em sonho para um lindo jardim, onde despertou aspirando o suave e dulcissimo perfume do desabrochar das flores do primeiro amor.

JULIETA C.

Correspondentes

São nossos correspondentes: em Petropolis, o Sr. Euclydes Raeder;

em Nictheroy, o Sr. Heitor de Frias Sá Pinto;

em Campos, o Sr. Leonel Dorna da Silva;

em Bello Horizonte, o Sr. Alberto de Castro Leite.

A' senhorita Lourdes

Julguei-te menos «borboleta», e por essa razão tive a ingenuidade de te acreditar merecedora de uma affeição, tão ou mais pura do que o proprio affecto; infelizmente, porém, a desillusão não tardou e com ella esta terrivel convicção: não eras digna de quem outra cousa te julgava!

Acautella-te, porém, inconstante borboleta, pois podes ainda encontrar alguma flôr que te deixe para sempre manchadas as extensas azas que possues.

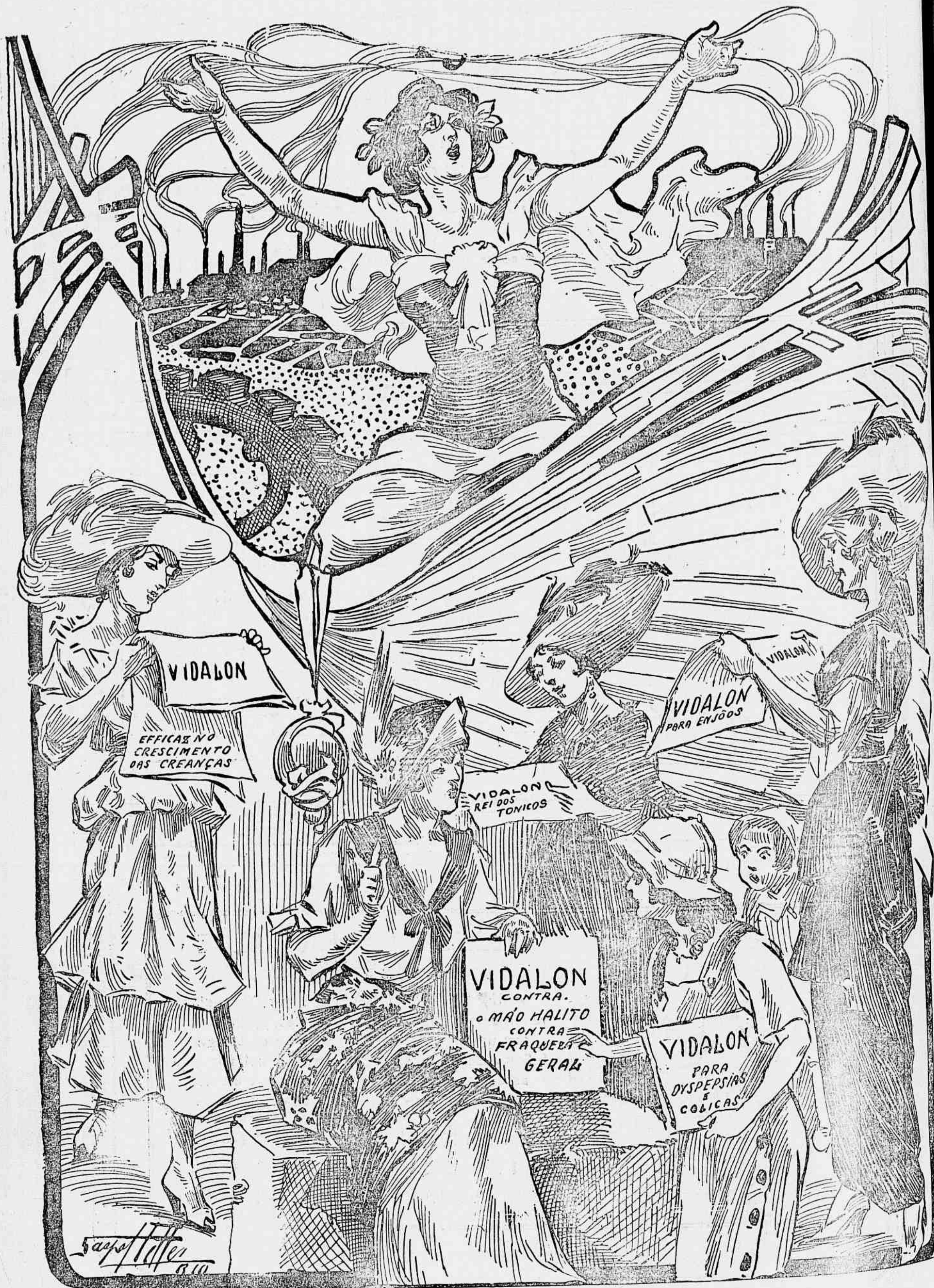
Bem acertado andei quando descortinei por entre as tuas travessuras o manto negro da hypocrisia!

Vou dizer-te agora, para finalizar, que «borboletas» como tu já tenho visto passar de meninas a moças e de moças a solteironas!

Por isso, esperemos...

Botafogo — 24 — 9 — 1916.

JOÃO.

Poderoso tonico estomacal VIDALON

Em todas as Pharmacias e Drogarias do Brasil

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 8 A 13